

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**CYNTHIA DA CONCEIÇÃO TANNURE**

**INCESTO FRATERNAL: RAÍZES ARCAICAS DE SEU APARECIMENTO NA  
INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA**

**DOCTORADO EM PSICOLOGIA**

**BELO HORIZONTE  
2018**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**CYNTHIA DA CONCEIÇÃO TANNURE**

**INCESTO FRATERNAL: RAÍZES ARCAICAS DE SEU APARECIMENTO NA  
INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA**

Tese apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Psicologia, sob a orientação da Profa. Dra. Cassandra Pereira França.

**BELO HORIZONTE  
2018**

150

T167i Tannure, Cynthia da Conceição

2018 Incesto fraterno [manuscrito]: raízes arcaicas de seu aparecimento na infância e adolescência / Cynthia da Conceição Tannure. - 2018.

158 f.

Orientadora: Cassandra Pereira França.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Incesto - Teses 3. Infância e juventude – Teses. 4. Psicanálise - Teses. I. França, Cassandra Pereira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



FOLHA DE APROVAÇÃO

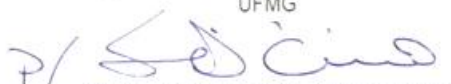
INCESTO FRATERNAL: RAÍZES ARCAICAS DE SEU APARECIMENTO NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

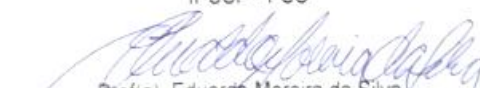
CYNTHIA DA CONCEIÇÃO TANNURE

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, como requisito para obtenção do grau de Doutor em PSICOLOGIA, área de concentração ESTUDOS PSICANALÍTICOS, linha de pesquisa Conceitos Fund. Psicanálise Invest. Campo Clínico e Cultural.

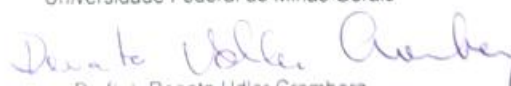
Aprovada em 20 de agosto de 2018, pela banca constituída pelos membros:

  
Prof(a). Cassandra Pereira Franca - Orientador  
UFMG

  
Prof(a). Marina Ferreira da Rosa Ribeiro  
IPUSP - PSC

  
Prof(a). Eduardo Moreira da Silva  
UFMG

  
Prof(a). Laura Cristina Eiras Coelho Soares  
Universidade Federal de Minas Gerais

  
Prof(a). Renata Udler Cromberg  
COGAE/PUC

Belo Horizonte, 20 de agosto de 2018.

**BELO HORIZONTE  
2018**

### **Dedicatória**

Aos meus pais, Fábio e Almerisa e, ao meu filho, Artur, que me inspiram e dão ânimo  
para persistir nos meus projetos!

Aos irmãos e irmãs que um dia viveram essa situação.

## AGRADECIMENTOS

À minha querida orientadora e coordenadora do Projeto CAVAS/UFMG (Projeto de Pesquisa e Extensão Crianças e Adolescentes Vítimas de Abuso Sexual), Dra. Cassandra Pereira França, pela presença generosa e acolhedora, por suas orientações, por ser uma grande parceira, com quem tenho realizado tantos projetos e sonhos, e por sua inspirada criação que é o Projeto CAVAS/UFMG.

À equipe do Projeto CAVAS/UFMG, com muita admiração e afeto (inclusive aos que já alçaram novos voos), de modo especial, agradeço ao meu grupo de supervisão clínica, e, com muito carinho, à Thalita Magalhães de Araújo e Izabela Ferraz Lacerda de Mello, pela generosidade e confiança.

Aos professores Dr. Fábio Belo e Dra. Belinda Mandelbaum por suas contribuições na banca de qualificação.

Ao Fábio Chadid pela revisão cuidadosa da tese.

À Claide Rocha pelo trabalho primoroso da tradução.

À Riva Schwartzman pelo acolhimento e encorajamento fundamentais nessa trajetória.

Às minhas grandes amigas, com quem tenho laços fraternos: Marinella Morgana de Mendonça, por seu acolhimento, suas sugestões ao texto, seu auxílio sempre em tempo, oferecendo uma ajuda preciosa e apaziguadora. Danielle Pereira Matos Rabelo, também por ser sempre tão acolhedora, por suas leituras e sugestões ao meu texto, por ser minha grande companheira no Projeto CAVAS/UFMG e por termos podido estar juntas durante a empreitada de uma tese, tornando mais leves e alegres esses anos do doutorado. À Ana Carla Fonseca e Eleni Fernandes, minhas grandes amigas/irmãs de tantos anos, que sempre me apoiaram e torceram por mim. Às queridas amigas Denise Salim Paes, Kellyane Figueiredo e ao querido Walter Barreto, pelo carinho e apoio.

A todos os meus queridos parentes e amigos (as) que torceram por mim.

Ao meu irmão Alysson e minha cunhada Renata que, com minhas sobrinhas Laura e Isabela, dão encantamento e suavidade aos dias áridos.

Em especial, aos meus queridos pais, Fábio e Almerisa, presenças do amor e da alegria em minha vida, por serem força, apoio e sustentação nas minhas caminhadas.

Ao meu lindo filho, Artur, que torna minha vida repleta de música e sentido.

## **RESUMO**

**Autor: Cynthia da Conceição Tannure**

### **TÍTULO DA TESE – INCESTO FRATERNAL: RAÍZES ARCAICAS DE SEU APARECIMENTO NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA**

Desde os escritos de Freud, a temática do incesto tornou-se de extrema relevância para a investigação psicanalítica. Tendo em vista sua problematização, abriu-se uma série de interrogantes acerca da gênese de sua proibição, das condições familiares e pessoais que levam à instalação e à vigência de práticas incestuosas. Nessa via, o ponto de origem do presente estudo surgiu a partir da nossa experiência clínica no Projeto CAVAS/UFMG (Projeto de pesquisa e extensão com crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual), por meio do qual tivemos acesso a alguns intrigantes casos de incesto fraterno, inseridos em um contexto familiar de cuidados parentais negligentes, violentos e, algumas vezes, também incestuosos. Partimos da hipótese de que esses cuidados parentais precários, ao serem internalizados, foram determinantes para o modo como cada uma dessas crianças canalizou suas demandas pulsionais e seus desejos, diante das exigências de sua realidade psíquica. Optamos, assim, por investigar as raízes arcaicas da possível relação existente entre os investimentos primários que falharam em conter e apaziguar as excitações e a escolha do vínculo fraterno como destino viável para tais fins. Seguindo a trilha da pesquisa psicanalítica – que envolve uma reflexão constante entre a teoria estabelecida e os desafios colocados pelas observações clínicas dos movimentos psíquicos observados em determinado contexto cultural – iniciamos nosso estudo reunindo as ideias freudianas sobre organização e interdição dos desejos incestuosos, a partir do complexo de Édipo e do Complexo de castração, assim como sobre as particularidades das relações fraternas e da história de sedução vivida na infância entre irmãos com idades próximas. Nesse percurso, privilegamos a perspectiva psicanalítica, que estuda e compreende o funcionamento psíquico por meio da internalização das relações da criança com seus objetos, em interação com suas defesas e pulsões. Assim, aproveitamos as contribuições de autores, como Melanie Klein, René Kaës, Luís Hornstein e Rosa Jaitin, que permitem compreender o incesto fraterno a partir dos aspectos arcaicos da relação com a mãe e da impossibilidade de se separar desta. Da

relação entre esse fusionamento insatisfatório, que não cria recursos internos para contenção e apaziguamento das excitações, e da falta de obstáculos que impeçam a renúncia aos objetos familiares, advêm necessidades primitivas que se atualizam nas relações com os irmãos e irmãs. Desse modo, o incesto, em correspondência com o funcionamento do complexo fraterno arcaico, terá um colorido em que se destacam o sentimento invejoso e as necessidades narcísicas. Procuramos entrelaçar essas ideias com a frequente ocorrência das atuações incestuosas, quando um dos irmãos se encontra na entrada da adolescência – período da vida em que se rearranjam as internalizações resultantes das relações da primeira infância.

**Palavras-chave:** Incesto fraterno; Infância; Adolescência; Psicanálise, Arcaico.

## ABSTRACT

**Author: Cynthia da Conceição Tannure**

**Title of thesis: Fraternal incest: Archaic roots of its emergence in childhood and adolescence.**

Since Freud's studies, the theme of incest has become of the utmost relevance for the psychoanalytic investigation. In view of its problematization, a series of questions has aroused about the genesis of its prohibition and the family and personal conditions that lead to the emergence and perpetuation of incestuous practices. In this way, the starting point of the present study was our clinic experience at CAVAS/UFMG (Research and extension project with children and adolescents victims of sexual abuse) through which we had access to some intriguing cases of fraternal incest, in a family environment of precarious parental care, violence and, sometimes, incest. We started from the hypothesis that such precarious parental care, when internalized, determined the way those children channeled their pulsional demands and desires before the requests of their psychic reality. Therefore, we chose to investigate the archaic roots of the possible existing reasons between the primary investments that failed to contain and appease the excitement and the fraternal bond chosen as a viable destination for such purposes. Following the path of the psychoanalytic research – that involves constant reflection between the established theory and the challenges placed by the clinic observations of the psychic movements in a given cultural context - we started our study bringing together Freudian ideas about organization and interdiction of incestuous desires, from the Oedipus and the castration complexes, and the peculiarities of the fraternal relations, and the history of seduction experienced in childhood among siblings of close ages. This way, we prioritized the psychoanalyst perspective, which studies and understands the psychic functioning through the internalization of the children's relations with their objects, in interaction with their defenses and pulsions. Thus, we used the contributions of authors like Melanie Klein, René Kaës, Luís Hornstein and Rosa Jaitin that help understand fraternal incest from the archaic aspects of the relation with the mother and the impossibility of separating from her. From the relation between that unsatisfactory bond, that doesn't create the internal resources to contain and

appease excitations, and the lack of obstacles that prevent the renunciation of family objects, come the primitive needs that are renewed in the relations between siblings. This way, the incest, in connection to the functioning of the archaic fraternal complex, will be dominated by a feeling of envy and the narcissistic needs. We tried to interweave these ideas with the constant occurrence of incestuous actions, when one of the siblings is at the beginning of adolescence – time when the internalizations, resulting from the relations of the early years, are rearranged.

**Keywords:** Fraternal incest; Childhood; Adolescence; Psychoanalyses; Archaic.

## **LISTA DE QUADROS**

<b>QUADRO I.....</b>	<b>58</b>
<b>ORGANOGRAMA I.....</b>	<b>70</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>1 BASES FREUDIANAS PARA A COMPREENSÃO DO INCESTO</b> .....	31
1.1 O complexo de Édipo.....	31
1.2 O complexo de Castração .....	36
1.3 As relações fraternas .....	40
<b>2 O FUNCIONAMENTO ARCAICO NO INCESTO FRATERNO</b> .....	51
2.1 Contribuições de Pellegrino à leitura dos complexos de Édipo e castração: a renúncia ao incesto e suas bases na relação primária com a mãe.....	51
2.2 Contribuições de Klein à compreensão da dinâmica fraterna .....	54
2.3 O complexo fraterno arcaico: a perspectiva de Kaës.....	56
2.4 Contribuições de Jaitin à reflexão sobre o incesto fraterno .....	65
2.5 A fúria invejosa contra a mãe.....	71
2.6 Autoerotismo e narcisismo nas perspectivas de Horsntein e Melanie Klein.....	76
<b>3 BASES KLEINIANAS PARA A COMPREENSÃO DOS COMPLEXOS DE ÉDIPO E CASTRAÇÃO</b> .....	82
3.1 Édipo e castração no pensamento kleiniano .....	82
3.2 As vivências edipiana e de castração para a menina.....	90
3.3 As vivências edipiana e de castração para o menino.....	95
<b>4 DISCUSSÃO CLÍNICA: ENCRUZILHADAS ENTRE O ARCAICO E O EDÍPICO</b> .....	102
4.1 Uma análise kleiniana dos irmãos incestuosos.....	102
4.2 Identificação projetiva .....	108
4.3 Identificação com o agressor .....	112
4.4 Discussão clínica .....	122
4.4.1 João e Pedro.....	122
4.4.2 José e Maria .....	136
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	143
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	151

## INTRODUÇÃO

A palavra incesto, derivada do latim *incestum*, significa aquilo que é impuro, aludindo diretamente à proibição ou interdição de relações sexuais entre parentes consanguíneos ou simbólicos. Em alguns locais, como na China e na Indonésia, o termo não pode nem mesmo ser pronunciado, havendo em torno dele uma série de proibições e sanções, que variam entre as culturas (Cromberg, 2001). No entanto, bem sabemos que os conteúdos repudiados, com veemência, costumam ter suas amarras no desejo, conforme podemos notar nos mitos que retratam o imaginário humano. A exemplo disso, temos o mito grego de Zeus e Hera, filhos de Crono com sua irmã, Réia. Hera foi a terceira mulher de Zeus, tendo sido, juntamente com seu esposo, os deuses do matrimônio, a quem os noivos da Grécia Antiga rendiam sacrifícios. O mito narra o amor ciumento de Hera por seu irmão e marido, além de suas inúmeras vinganças que resultavam na morte daquelas a quem Zeus possuía.

Ademais, tem-se o importante mito religioso egípcio, de Ísis e Osíris, irmãos gêmeos e esposos desde o seio materno. Osíris, considerado o primeiro faraó do Egito, teria sido morto por seu irmão, Seth, que almejava o seu trono. Inconformada, Ísis passou a seguir uma longa e sofrida trajetória em busca do corpo do esposo, a fim de dar-lhe um sepultamento digno. No entanto, Seth teve acesso ao corpo do irmão primeiro e cortou-o em vários pedaços. Sem desistir, Ísis, em seu investimento amoroso no irmão e esposo, reuniu os pedaços do seu amado, embalsamou-o, fazendo com que ele ressuscitasse. Dessa forma, Osíris se tornou o senhor no reino dos mortos (Alves, 2005).

Na vida real, no Egito, tal como na tradição mitológica, os casamentos entre reis/irmãos – considerados divindades – foram estimulados para a manutenção de uma linhagem pura, por meio da qual a filha mais velha deveria unir-se ao irmão, tal como fez Cleópatra – que vinha de doze gerações incestuosas – e casou-se com seus dois irmãos caçulas. A tribo Lamet, do sudeste da Ásia, permitia o casamento entre meios-irmãos e entre irmã e irmão, quando esses não haviam compartilhado a mesma habitação, não sendo, portanto, considerados da mesma família. No Havaí antigo, o casamento entre irmãos da realeza intensificaria um poder herdado (Hoebel & Frost, 2006). Já os balis aceitavam casamentos entre gêmeos, como uma espécie de continuidade da união vivida no útero.

Tais casos, pertencentes a culturas antigas, no entanto, tendem a ser considerados exceções<sup>1</sup>, pois, no geral, o comportamento incestuoso entre irmãos – como entre outros graus de parentesco – é regulado por normas proibitivas e punições. Diferentes estudos antropológicos buscaram esclarecer as origens da proibição do incesto, compreendendo-a como uma maneira de regular as práticas sexuais entre os indivíduos.

Lévi-Strauss (1982), em seu importante estudo *As estruturas elementares do parentesco* (1982), no capítulo “O problema do incesto”, buscou explicar a origem da proibição do incesto, reconhecendo nela uma ambiguidade, contida no fato de ser uma regra universal. Isso significa dizer que essa proibição, enquanto universal, é da ordem da natureza, daquilo que é invariante. Mas, enquanto regra, a proibição do incesto é uma construção social e possui um caráter relativo e particular. Nesse sentido, o autor afirmou que a proibição do incesto é tanto universal quanto cultural, e é a partir dessa ambiguidade que ela deve ser compreendida.

Como afirmaria Cromberg: “Na busca de invariantes que possam explicar universais nas práticas sociais, Lévi-Strauss encontra a proibição do incesto, comportamento imutável, para além da diversidade das sociedades humanas” (Cromberg, 2001, p. 197).

Ao desenvolver sua argumentação, Lévi-Strauss expôs suas críticas a respeito de três tendências encontradas na sociologia. Uma delas teria em conta a ambiguidade da proibição do incesto, “ao mesmo tempo natural e social” (Lévi-Strauss, 1982, p. 51), mas levaria para o plano biológico as motivações para a construção social desse tabu. Nessa perspectiva, a regra que proíbe o incesto estaria relacionada a uma necessidade de proteger os seres humanos contra os males dos cruzamentos consanguíneos. Para Lévi-Strauss, esse pensamento pressupõe que as sociedades mais primitivas tivessem consciência dos riscos das uniões consanguíneas, o que ele julgava improcedente. Além disso, essas mesmas sociedades não restringiam as proibições incestuosas às preocupações relacionadas à reprodução, como bem exemplifica o tabu relativo à união entre “tio-avô e a sobrinha-neta” (Lévi-Strauss, 1982, p. 51).

Outro posicionamento criticado por Lévi-Strauss foi aquele defendido por Westermarck, filósofo e sociólogo finlandês, para quem o horror ao incesto seria

---

<sup>1</sup>Para Scheidel (2010, citado por Santos & Gomes, 2013), as práticas incestuosas teriam se realizado mediante esforço e relutância por parte dos indivíduos.

explicável por tendências fisiológicas e psicológicas congênitas, a partir das quais o compartilhamento de hábitos cotidianos por parentes próximos interferiria na vida erótica, reduzindo o desejo sexual<sup>2</sup>. Ademais, destacam-se entre suas concepções os prejuízos dos casamentos consanguíneos e a crença dos povos primitivos de que tais uniões produziram defeitos genéticos, consistindo em ameaça à sobrevivência da espécie, o que justifica, assim, sua proibição. Essa teoria de Westermarck foi questionada por Lévi-Strauss, que não encontrava argumentos plausíveis para justificar a necessidade de uma proibição social quando haveria uma tendência instintiva à aversão às relações incestuosas. Além disso, outro ponto que levaria o argumento de Westermarck a ser facilmente questionado é o fato de que o incesto, a despeito de sua proibição, seria frequente na cultura. Nesse ponto, Lévi-Strauss valorizava a descoberta feita pela psicanálise, reunindo-a à sua argumentação: “a psicanálise descobre um fenômeno universal não na repulsão em face das relações incestuosas, mas, ao contrário, na procura delas” (Lévi-Strauss, 1982, p. 55). Uma observação feita por Cromberg (2001) é a de que a influência da leitura da obra de Freud o ajudou a compreender que “(...) as realidades mais manifestas não são as mais profundas e esclarecedoras” (Cromberg, 2001, p. 196).

Outra explicação para a proibição do incesto, também criticada por Lévi-Strauss, seria aquela que considera o tabu apenas do ponto de vista social. Essas críticas dirigiam-se, fundamentalmente, aos estudos de Durkheim, por ter apoiado a explicação sobre o tabu do incesto na origem da exogamia, e a partir de um conjunto de crenças mágico-religiosas baseado na descendência totêmica. Na visão de Lévi-Strauss, os dados trazidos por Durkheim seriam baseados em contextos históricos pontuais, não sendo capazes de explicar uma regra universal. Ele também não encontrava naquele autor a explicação sobre a necessidade de a proibição do incesto estar presente em todas as sociedades.

---

<sup>2</sup>Arthur Wolf (1970, citado por Hoebel & Frost, 2006), voltou a defender a teoria de Westermarck, a partir de seus estudos sobre casamentos arranjados entre colonizadores chineses, habitantes da ilha de Formosa. As famílias mais pobres da ilha, que não tinham dotes para pagar pelas noivas de seus filhos, criavam meninas para se casarem com eles futuramente. No entanto, tal arranjo trazia um prejuízo na atração entre os noivos criados juntos, tanto que os novos casais assim constituídos geravam menos filhos, possuíam relacionamentos mais conflituos e se divorciavam com maior frequência do que aqueles de uma família mais abastada que pagavam pelo dote de uma mulher que não havia partilhado da intimidade de seu noivo desde a infância. A comparação entre o número de filhos e a duração dos casamentos dessas famílias poderiam, assim, explicar, um prejuízo na atração entre os noivos criados juntos.

Para Lévi-Strauss (1982), a universalidade do tabu do incesto marca a passagem, no homem, da natureza para a cultura: “A proibição do incesto está ao mesmo tempo no limiar da própria cultura, na cultura, e em certo sentido – conforme tentaremos mostrar – é a própria cultura” (Lévi-Strauss, 1982, p. 50). A interdição permite um sistema de trocas e alianças que mantém o funcionamento do grupo social e, mesmo que concessões possam existir em casos específicos, constata-se que sempre haverá restrição a algumas modalidades de casamentos.

De acordo com Cromberg (2001), Lévi-Strauss romperia com uma visão naturalista e biologizante acerca da proibição do incesto (compreendida como forma de proteger os membros de uma família contra as consequências da consanguinidade), e defenderia que a interdição tornaria a natureza mais complexa, fundando, assim, uma nova ordem, isto é, uma regra social por meio dos sistemas de parentesco e da exogamia. O parentesco não se restringiria ao biológico, mas à forma como, socialmente, os indivíduos nomeariam seus vínculos. “A proibição do incesto é a regra do dom por excelência, menos uma proibição de casar-se com a mãe, a filha ou a irmã do que uma regra que obriga a dar a outrem a mãe, a irmã ou a filha” (Cromberg, 2001, p.205).

Simone de Beauvoir em sua resenha do trabalho de Lévi-Strauss *As estruturas elementares do parentesco*, nos dirá que:

Primeiramente a exogamia manifesta que não haveria sociedade sem o reconhecimento de uma Regra. Contrariamente aos mitos e às inverdades liberais, a intervenção não está somente relacionada a alguns regimes econômicos: ela é tão original quanto a humanidade mesma (1949/2007, p. 184).

A renúncia aos desejos incestuosos levaria a uma reciprocidade no grupo social, à escolha de aliados, e a um modo de trocas que impediria que as mulheres fossem monopolizadas. Dessa forma, “a proibição do incesto se confunde com a instauração da ordem humana” (Beauvoir, 1949/2007, p.185). Ainda segundo Beauvoir, pelo sexual ocorre a humanização do homem, assim como os casamentos consanguíneos representariam uma espécie de prejuízo social.

No entanto, apesar da moral social que proíbe as relações incestuosas, estas não deixam de acontecer com certa regularidade, conforme nos revela a nossa experiência como supervisora clínica dos casos que chegam ao Projeto CAVAS/UFMG (Projeto de Pesquisa e Extensão Crianças e Adolescentes Vítimas de Abuso Sexual). O Projeto CAVAS/UFMG, criado e coordenado pela Dra. Cassandra Pereira França, professora do

curso de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, desde o ano de 2005, desenvolve duas frentes de trabalho em extensão: uma, constituída pela oferta de atendimento clínico à comunidade, sendo também um campo de estágio e de discussões teóricas visando à formação dos estudantes de Psicologia da UFMG; e outra, formada por uma atuação composta pela interlocução e capacitação de profissionais que lidam com esse público fora da Universidade (França, 2014). A população atendida tem histórico de outras violências e negligências no cuidado dos filhos, possui baixo poder aquisitivo e vem encaminhada pela Rede de Assistência Social do município de Belo Horizonte.

A atuação clínica com esses pacientes tem gerado pesquisas acerca dos mecanismos psíquicos resultantes do impacto desse tipo de vivência, e também acerca das particularidades do manejo técnico no tratamento psicanalítico com esses casos. As inquietações diante dessas incógnitas têm sido debatidas em simpósios e pesquisas de pós-graduação, que vão delimitando as próximas temáticas a serem estudadas para dar alguma compreensão ao que se constituiu como traumático e desarticulador no psiquismo de sujeitos ainda em formação. Percebemos como o abuso sexual obstrui a capacidade de brincar, fantasiar, aprender e confiar, demarcando assim uma urgência em elaborar os registros restantes do abandono e da falta de amor presentes nas relações familiares vividas antes e depois do abuso sexual. Vemos, com clareza, a necessidade de elaboração das diferentes formas de violência sofridas e das sequelas deixadas pelo convívio com adultos fragilizados e adoecidos. Esses sujeitos vão dando sinais dos excessos impostos ao seu psiquismo, ao manifestarem, por exemplo, uma necessidade imperiosa de se manipularem e fazerem o mesmo com outras crianças, revelando, pois, o desgoverno das excitações. Somos conduzidos ao contato com uma realidade dramática, qual seja, a de que o corpo foi manipulado sexualmente por alguém da própria família.

Há algum tempo, a frequência e as consequências do abuso dentro da própria família vêm se mostrando objeto de reflexão por parte da equipe do Projeto CAVAS/UFMG, como se pode constatar na publicação do livro de 2010, em um diálogo com outros campos do conhecimento: *Perversão: as engrenagens da violência sexual infantojuvenil*. Nesse livro fica nítida a preocupação com o caráter nefasto desse tipo de abuso sexual, que viola o corpo de um sujeito em processo de amadurecimento e mantém os investimentos sexuais dentro do grupo familiar, transgredindo a regra social da exogamia.

O abuso intrafamiliar gera perplexidade em razão de sua frequência e pelo seu potencial capaz de produzir uma significativa desorganização psíquica naquele que o experimenta, além de um grande sentimento de solidão. Segundo França (2010):

(...) o incesto afeta o núcleo mais pessoal e básico da identidade, o corpo, e provoca uma devastação psíquica maior ainda porque quebra os vínculos fundamentais para os processos de identificação (...) (França, 2010, p.13).

A temática do abuso intrafamiliar tem dominado de tal modo as pesquisas do Projeto CAVAS/UFMG e de outros pesquisadores que, em 2014, tal preocupação foi compilada no livro *Tramas da perversão: a violência sexual intrafamiliar*<sup>3</sup>, em que são registrados dados que apontam o pai e o padrasto como figuras que mais frequentemente cometem esse tipo de violação sexual, seguidos por avôs e tios das vítimas.

Assim, em nosso cotidiano clínico, temos que lidar com um assunto embaraçoso, afinal: “estamos enveredando por um labirinto sagrado, cheio de enigmas e silêncios que podem nos deixar inermes na escuridão” (França, 2014, p.11). Um dos maiores desafios do projeto é ter de lidar com os efeitos da perversão do adulto e o silenciamento de outras figuras de cuidado das crianças e que as deixam vagar solitárias por esse labirinto.

Mas, nesse contexto intrafamiliar, o que as estatísticas não mostram com tanta evidência é um incesto ainda mais “silencioso” ou silenciado, isto é, aquele que acontece entre irmãos e irmãs, antes de alcançarem a idade adulta. Foi possível começar a escutá-lo pelos poucos casos<sup>4</sup> que são descortinados e têm chegado ao Projeto CAVAS/UFMG, o que nos possibilitou conhecer o contexto de negligência, violência e erotização dos vínculos entre pais e filhos, em que as relações incestuosas aconteciam.

---

<sup>3</sup>Livro que reúne vários trabalhos apresentados no “I Encontro Latino-americano do Projeto CAVAS/UFMG e IV Simpósio de Pesquisas do Projeto CAVAS/UFMG: *Tramas da perversão: a violência sexual intrafamiliar*, ocorrido no dia 25 de outubro de 2013” (França, 2014, p.18).

<sup>4</sup>Vale notar que, em quase quatorze anos de existência, chegaram ao Projeto CAVAS/UFMG apenas oito casos de incesto fraterno, tendo sido cinco entre irmãos do sexo masculino e três entre irmãos de sexos diferentes. Uma das particularidades que encontramos nessa casuística é o fato de os irmãos e irmãs procurados como objeto sexual, geralmente encontrarem-se entre a segunda e a terceira infância e, em alguns casos, a diferença etária entre eles variar entre dois e oito anos.

Esse contexto chamou nossa atenção e, tão logo começamos a investigar outros estudos nessa área, percebemos algumas semelhanças com aquilo que encontrávamos<sup>5</sup>.

Alves (2005), no trabalho *Incesto fraterno: uma relação silenciosa da violência e cumplicidade*, fruto de sua experiência em assistência social no Programa Sentinela de Florianópolis, detectou ser esse tipo de abuso<sup>6</sup> o terceiro mais frequente. A autora retoma os estudos de Forward e Buck (1989), que apontam para a frequência com que irmãos podem se envolver em atividades sexuais, revelando uma forte inclinação para o incesto dessa ordem: “(...) Alguns especialistas avaliam que pelo menos um contato sexual casual entre irmãos acontece em nove de cada dez famílias com mais de um filho” (Alves, 2005, p. 49).

Finkelhor e Hotaling (1984, citado por Alves, 2005) caracterizam o incesto fraterno como abuso quando uma criança é menor de doze anos e seu irmão/irmã é cinco anos mais velho que ela. Ou ainda, quando acontece entre 13 e 16 anos, com um irmão/irmã 10 anos mais velho. Além disso, a presença de força e de ameaça com o uso de autoridade sempre caracterizarão essas relações como abusivas. A diferença de idade parece ser também importante para Amazarry & Koller (1998, citado por Alves, 2005), em função de um irmão mais velho ocupar uma posição de autoridade sobre outro, imaturo e dependente.

John Caffaro (2016), no artigo “*Treating Adult Survivors of Sibling Sexual Abuse: a Relational Strengths-Based Approach*”, afirmou que outros fatores possuem relevância nessa análise, tais como, tamanho, força física e desenvolvimento da inteligência, o que pode determinar que aconteçam as atividades sexuais, mesmo quando os irmãos possuem uma faixa-etária próxima. Essas atividades sexuais podem começar como um jogo exploratório e passarem a persistir ao longo do tempo. Sua duração pode ser um elemento que exerce influência direta sobre os efeitos desse incesto nos anos posteriores da vida do indivíduo. Um aspecto ressaltado é que, nos casos de incesto fraterno, os sujeitos podem não conseguir diferenciar se ocupam posição de vítima ou de “agressor”, considerando-se partícipes de uma situação que acham que poderiam ter evitado. Sobrevém-lhes um estado de confusão pela excitação sentida e pelas reações emocionais positivas, que interfere para que a relação seja mantida em segredo. As consequências desse incesto podem ser duradouras,

---

<sup>5</sup>Nota-se que a maior parte das publicações nesse campo foi realizada na abordagem sistêmica ou na psicanálise de grupos.

<sup>6</sup>Usamos a terminologia “abuso” por ser a mesma utilizada pelo autor da pesquisa que estamos descrevendo.

prejudicando a capacidade de estabelecer vínculos de confiança e intimidade, levando a transtornos da potência sexual e do humor. Essas consequências podem se apresentar, mesmo que o irmão tenha se sentido envolvido por vontade própria naquela situação e, de modo geral, os efeitos dessa experiência são bastante heterogêneos (Caffaro, 2016).

Em sua pesquisa, Alves (2005) identificou, no contexto das relações fraternas incestuosas, o predomínio dos laços consanguíneos, o uso da violência, o fato de o agressor quase sempre ser do sexo oposto ao da vítima e possuir uma diferença de dez anos de idade em relação a ela, o que denota uma relação de poder e autoridade. Em alguns casos, o mesmo agressor tomou mais de uma irmã ou irmão como objeto sexual, além de parecer existir a presença de um forte vínculo entre eles. Há relatos de uso de drogas por parte do agressor e/ou de outros integrantes da família. Outros dados se relacionam a esse cenário, tais como negligência familiar, outros tipos de violência, pais com transtornos psiquiátricos, além de abuso cometido por outras pessoas da família com uma mesma vítima, como cunhado e padrasto. “Dentre os treze casos, quatro agressores eram usuários de drogas (30,8%) revelando que a família já apresentava situações de vulnerabilidade e fragilidade” (Alves, 2005, p. 91).

Alves (2005) ressalta, a partir dos estudos de Forward e Buck (1989), que as relações fraternas incestuosas tendem a ser violentas quando há uma diferença etária significativa entre os irmãos, associando a intensidade do fator traumático a esse aspecto. Por outro lado, quando os irmãos possuem idades próximas e uma relação de dependência, o contato sexual serve para suprir necessidades emocionais. Consideram, ainda, que o incesto entre irmãos mais novos e com idades próximas pode configurar-se como um jogo sexual de exploração lúdica, sem a mesma intensidade traumática das situações em que existe uma diferença significativa de idade entre ambos e uma atração por um irmão mais velho.

Segundo a autora (2005), um púbere se aproxima de uma irmã mais nova em função de esta perceber a atividade sexual como parte de um cenário lúdico. Já quando a situação envolve um irmão, após a puberdade, à semelhança do incesto pai-filha, as motivações sexuais são mais complexas, além de frequentemente haver o uso da violência. Outra situação diz respeito a uma irmã iniciar atividades sexuais com um irmão mais novo, tal como na relação mãe-filho. Ela pode sentir-se ameaçada com parceiros mais velhos e acabar criando uma relação de dependência e superproteção com seu irmão, que, por sua vez, desenvolverá um sentimento de culpa por sentir que participa ativamente daquela relação, deslocando para a irmã seus desejos edípicos.

De acordo com o psiquiatra Furniss (1993), o envolvimento incestuoso entre irmãos com idades próximas consiste em um substituto dos cuidados emocionais dos quais foram privados, em decorrência de abusos físicos ou sexuais perpetrados pelos pais, podendo ser compreendido como estratégia de sobrevivência e obtenção de alívio de tensão e cuidado. Denomina a relação incestuosa entre irmãos menores de idade “síndrome de João e Maria”, buscando diferenciá-la daquela em que um irmão está no lugar de autoridade e poder, tal como os pais. A menção ao conto infantil reporta ao abandono e desamparo das crianças, que passam a contar uma com a outra para vencer os obstáculos. Leia-se:

Na síndrome de João e Maria, talvez não seja indicado utilizar os termos "abusador" e "vítima". O abuso sexual por irmãos quase da mesma idade normalmente é parte de uma síndrome geral de privação emocional, em que ambas as crianças também podem ter sido severamente abusadas, física ou sexualmente, por figuras parentais. O abuso entre crianças quase da mesma idade, geralmente, é muito mais um relacionamento sexual igual em que ambas as crianças tentam dar e receber uma forma distorcida de mútua satisfação, conforto e cuidado. O abuso sexual é uma forma de cuidado emocional pervertida e confusa, em que a estimulação e excitação sexual é um pobre e triste substituto do cuidado emocional parental (Furniss, 1993, p. 217).

Ainda segundo o autor, meninos com menos de 15 anos de idade, que buscam irmãos mais novos como objeto de satisfação sexual, geralmente estão identificados com um pai abusador, por terem sido vítimas direta ou indiretamente dele. Além disso, esses filhos teriam vivido um empobrecimento em sua relação emocional com os pais, além de uma sexualização dessas relações, afetando sua autoestima.

Furniss (1993) afirma ser relevante não considerar esses irmãos adolescentes como vítimas ou abusadores, para que consigam assumir uma parcela do controle e responsabilidade pela erotização dos vínculos emocionais, não ocultando a atitude ativa em ambos na busca por contato emocional e conforto via conduta sexual.

A psicóloga Watarai (2009) pôde identificar, no funcionamento das famílias, nas quais os irmãos envolveram-se em atividades sexuais, fatores semelhantes àqueles encontrados por outros pesquisadores, como, por exemplo, a presença de inversão de papéis. Na medida em que os cuidadores não conseguiam exercer suas funções e distanciavam-se de seus filhos, estes últimos passavam a ocupar o lugar que seria destinado aos pais. Nesse contexto, alguns irmãos mostravam-se fusionados, como se um fosse o duplo do outro, ora desempenhando papéis mais rivalitários ora mais

pacificadores, a fim de conquistarem o desejo de seus pais. Outros, por sua vez, pareciam possuir uma posição de poder na família e realizavam ataques a outro filho(a) considerado(a) preferido(a) pela mãe. Nessas famílias, a mãe, que geralmente revela um histórico de violência e abuso, tende a ser considerada uma figura distante, e a interpretar a atividade sexual entre seus filhos, ou entre esses e outros parentes, como consensual, e não abusiva. Junto a isso, o ambiente familiar dessas crianças e adolescentes é permeado por diversas atitudes violentas, especialmente por parte do pai.

Tomaz (2013), em Portugal, escreveu, a partir do referencial teórico sistêmico, sobre famílias com relações fraternas incestuosas, em sua dissertação *O abuso incestuoso entre irmãos e disfuncionalidade familiar*. Sua investigação limitou-se à faixa-etária de irmãos de até 16 anos e irmãs até 14, idade em que a lei portuguesa não considera haver capacidade de um real consentimento. Algumas colocações dessa autora também se aproximam dos dados já expostos, tais como identificação com o agressor; minimização do incesto por parte dos familiares; presença na fratria de necessidades emocionais insatisfeitas e o exercício do poder de um filho mais velho sobre o mais novo (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998 citados por Tomaz, 2013):

(...) Por vezes, os irmãos envolvem-se de “livre vontade” para lidar com as necessidades de afecto, de carinho, de combate à solidão, à sensação de isolamento e à depressão, e de uma descarga de ansiedade devido ao *stress*. Neste sentido, alguns aspectos, tais como, ausência ou negligência parental, limites (ou fronteiras) difusos, modelos de comportamentos sexuais e violentos em casa e tratamento diferencial entre os vários irmãos, são considerados factores de risco para esse tipo de abuso (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998, citados por Tomaz, 2013, p.10).

Nessas famílias, os pais parecem indisponíveis e instáveis, abandonando, maltratando ou negligenciando o cuidado com os filhos. Trata-se de uma situação favorável ao fortalecimento dos vínculos entre os irmãos, que passam a funcionar como uma espécie de substitutos parentais, ao buscarem satisfazer, nessa relação, necessidades emocionais negligenciadas. Nesse sentido, as fronteiras dos subsistemas individuais, constituídos pelos irmãos, tornam-se difusas, aumentando a probabilidade da emergência do comportamento incestuoso, o que pode ainda ser influenciado pela falta de supervisão dos cuidadores. Apesar desse apontamento, a nosso ver, o fato de serem deixadas sozinhas não parece ser o ponto determinante para influenciar a emergência do comportamento incestuoso, mas sim o nível de simbolização alcançado

pelas crianças e a presença de recursos psíquicos para lidarem com suas excitações corporais.

Além disso, o ambiente familiar sexualizado ou excessivamente repressor pode compor o cenário das relações fraternas incestuosas, juntamente com a preferência, atribuição de poder e proteção a um dos irmãos<sup>7</sup>, além de manutenção de segredos familiares. Este último fator colabora para o comportamento silencioso dos filhos quanto às transgressões sexuais, quando esses já estão vulneráveis ao relacionamento incestuoso (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998; Bass Et al, 2006, Furman & Buhrmester, 1990, apud Tomaz, 2013, pp.14-15).

Tomaz (2013) listará modalidades de abusos incestuosos presentes nas fratrias, segundo Caffaro & Conn-Caffaro (1998), a partir da experiência clínica desses últimos. São elas, a) “pseudoconsensual”: quando os irmãos têm uma atividade sexual que se assemelha a um jogo exploratório, mas que deste se diferencia pela frequência, duração e intensidade em que ocorre. Sua finalidade seria satisfazer necessidades não supridas por cuidadores negligentes ou abusadores; b) “pai/mãe periférico(a)”: quando um dos pais, por razões diversas, como uso de drogas, doença mental, viagens constantes a trabalho, demonstram certo “desligamento” da família. Quando realizam aproximações, o fazem de forma autoritária ou abusiva<sup>8</sup>; c) “pseudoparental com dois pais”: estes delegam a um filho a tarefa de cuidar dos seus irmãos, como uma espécie de pseudopai, não dando assistência adequada àquele; d) “pseudoparental/monoparental”: semelhante à família anterior, mas composta apenas por um cuidador, que também atribui um papel parental a um dos filhos; e) “Pseudoparental com pais adotivos, incluindo padrastos, madrastas e meios-irmãos”. Nesse caso, pode existir disputa pelo papel de controle, abuso de um dos irmãos por identificação a um agressor, fronteiras, ou papeis e regras frouxamente definidas por uma família recomposta; f) “família desorganizada”: os cuidadores estão indisponíveis (emocional e fisicamente) para cuidar de seus filhos, não assumindo um papel de liderança e de supervisão daqueles; além disso, as fronteiras entre eles podem estar ausentes.

---

<sup>7</sup>Tomaz (2013) afirma que os irmãos considerados agressores geralmente iniciam as relações incestuosas por volta dos 15 anos, tomando como alvo de suas atividades sexuais irmãs que estão na faixa dos 9 anos de idade. Casos de irmãs que tomam irmãos ou irmãs como objeto sexual seriam menos comuns e, também, pouco estudados.

<sup>8</sup>Quando a mãe é distante e o pai e a filha iniciam uma relação incestuosa, estabelece-se uma inversão hierárquica quanto aos papéis na família, que pode servir de referência para a conduta dos irmãos (Caffaro & Conn-Caffaro, 1998, apud Tomaz, 2013).

Resumindo os pontos trazidos pelos autores, no que eles possuem em comum, Alves (2005) e Watarai (2009) descrevem o contexto familiar no qual acontece o incesto fraterno, como sendo composto por vários tipos de violência, além da sexual. Furniss (1993), assim como Tomaz (2013), observaram nessas famílias um empobrecimento dos vínculos emocionais e uma sexualização com as figuras parentais. Alves (2005), Watarai (2009) e Tomaz (2013) perceberam que o incesto fraterno acontecia, muitas vezes, com um irmão ocupando o lugar de autoridade sobre outro, que se encontrava em uma posição de maior dependência, ou ainda, como salientaram Tomaz (2013) e Watarai (2009), quando os irmãos ocupavam o lugar parental, em uma inversão de papéis. Além disso, todos esses autores reconheceram a presença do fenômeno da identificação com o agressor. Assim, os estudos mencionados mostram, repetidamente, o cenário familiar das relações fraternas incestuosas composto por violência, abandono, inversão de papéis (o que denuncia uma não diferenciação entre gerações), identificação com o agressor e erotização por parte das figuras parentais.

A negligência refere-se à omissão de providências por parte das famílias, em relação aos cuidados que assegurariam os direitos necessários para o desenvolvimento e crescimento das crianças e adolescentes. Classificada junto às várias formas de violência<sup>9</sup> (Mata, N.T.; Silveira, L.M.B.; Deslandes, S.F., 2017) e como uma das formas mais comuns de maus-tratos, a negligência envolve uma gama de situações, que pode incluir, por exemplo, o não suprimento das necessidades afetivas e de limites às crianças e adolescentes, e o desinteresse àquilo que diz respeito a eles (Pasian, Mara Silvia, Faleiros, Juliana Martins, Bazon, Marina Rezende, & Lacharité, Carl, 2013).

No contexto dos nossos pacientes, detectamos a negligência pela falta de conexão psíquica dos adultos com as necessidades das crianças e adolescentes, com respostas demasiadamente agressivas às demandas destes últimos. Percebíamos, em

---

<sup>9</sup> As autoras buscam problematizar as concepções a respeito da negligência familiar, adotando uma visão crítica sobre as formas de abordar esse fenômeno, considerado “um problema de saúde pública” (Mata, N.T.; Silveira, L.M.B.; Deslandes, S.F., 2017, 2882), e muitas vezes associado à violência, apesar de sustentar-se em categorias com sentidos diferentes. Afirmando, dentre outros aspectos, que a negligência na família pode encontrar-se relacionada “a práticas culturais ou situações provocadas por impossibilidade financeira ou social, entre outras” (Mata, N.T.; Silveira, L.M.B.; Deslandes, S.F., 2017, 2882). Ressaltam que o modo como se compreende o cuidado pode trazer embutido um caráter de dominação e controle social, por meio da vigilância e punição às famílias, resultando em uma culpabilização das mesmas pela não provisão de cuidados. É preciso que se considere as profundas desigualdades a que estão sujeitas as famílias brasileiras, que não contam com os mesmos recursos que outras para a oferta de um cuidado integral. Ainda de acordo com as autoras, tais considerações, no entanto, não eximem da necessidade de se considerar as situações que colocam a criança em risco, e demandam atenção. Além disso, acreditam ser necessário que essas famílias sejam fortalecidas em suas habilidades de proteção, reconhecendo a complexidade relativa à abordagem da negligência.

alguns casos, a negligência associada à violência ou ainda a uma erotização da relação com a criança. Sobre esse último aspecto, percebíamos uma intimidade entre algumas crianças e as figuras parentais que parecia quase uma ausência de restrições entre seus corpos. A esse respeito, encontramos o que o psicanalista francês Racamier (1998, apud Mandelbaum, 2012) designou incestual, isto é, um conjunto de trocas erotizadas que surgem na fronteira entre a fantasia do incesto e a sua realização:

(...)Racamier (1995) chamou de família incestual, na qual as diferenças e limites são abolidos, a intimidade de cada um dos membros pode ser devassada e há um trânsito intenso entre os espaços íntimos que flui do mesmo modo que o trânsito das identidades e das posições no interior do grupo. Muitas vezes, como já assinalamos, não se encontram nessas famílias evidências de incesto consumado, mas há algo que corresponde a uma confusão erótica, com seduções, exposição contínua dos corpos, troca de afagos e presentes, borrando cotidianamente as diferenças sexuais e geracionais (Mandelbaum, 2012, p. 58).

De acordo com Jaroslavsky (2010), Racamier encontrou esse funcionamento nos pacientes psicóticos, nos estados limites, perversões e outros funcionamentos que denotam uma problemática distinta da edipiana e dos conflitos neuróticos. Utilizando-se das terminologias “incestualidade” e “incestual”, o autor francês refere-se também a um modo relacional das famílias dos pacientes esquizofrênicos que equivaleria a uma conduta incestuosa, a qual resulta da perduração de uma sedução narcisista, que se coloca como obstáculo ao luto originário, à progressão à vivência edipiana, e à interdição sobre o desejo. Trata-se de algo da ordem de uma atuação (o que se distingue de uma encenação, representação ou fantasia), em que objetos transitam entre as pessoas de uma família, com valor erótico equivalente ao incesto.

Thorstensen (2012) afirma que, na incestualidade, não há demarcação das diferenças sexuais ou geracionais, o que constitui um elemento dificultador para os investimentos circularem fora do campo familiar. Vale dizer ainda que a incestualidade tanto abarca um fenômeno constitutivo relacionado ao processo de libidinização dos sujeitos, quanto as trocas libidinais que os mantêm em um estado de ausência de limites corporais e psíquicos, sob a ilusão de uma completude, dificultando a progressão do desenvolvimento. Segundo a autora: “(...) as palavras “incestualidade” e “incestual” também revelam uma dualidade, ou seja, o fio da navalha entre o vital e o aprisionador” (Thorstensen, 2012, p. 24). Essa mesma autora reconhece ser difícil demarcar a incestualidade em seu aspecto constitutivo em relação ao que seria considerado

patológico. Sua sugestão é a de que a dimensão patológica da incestualidade pode ser reconhecida quando os investimentos objetivos estiverem impedidos de se realizar para além da família.

É dessa dimensão aprisionadora da incestualidade que tratamos nesta pesquisa, junto à negligência e à violência. Selecionamos esses aspectos por percebemos que eles estavam presentes nas relações familiares das crianças e adolescentes que praticam o incesto fraterno, e também por acreditarmos que eles exercem impactos sobre a forma como as excitações e as experiências corporais serão gerenciadas pelo aparelho psíquico.

Perguntamos o que representou para essas crianças e adolescentes internalizarem uma carga de violência ou uma carga demasiadamente erótica, em uma relação de pouca reciprocidade com o cuidador. Construimos o argumento de que esses cuidados, do modo como aconteceram, impediram a internalização de experiências com os objetos primários, necessárias à constituição de uma fonte interna de contenção e apaziguamento das excitações, o que poderia fazer desse incesto um modo de encontrar os investimentos que as figuras parentais falharam em ofertar, remetendo-nos, assim, às raízes arcaicas do aparecimento dessa atividade incestuosa.

Buscando um caminho para a realização dessa pesquisa, recorreremos ao método já há muito ensinado por Freud. No artigo “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise” (1912), Freud relaciona o método de tratamento por ele criado, baseado na associação livre e na manifestação dos processos inconscientes, ao trabalho de investigação, afirmando que: “pesquisa e tratamento coincidem” (Freud, 1912/1996, p. 128). O que não quer dizer, adverte o autor, que esses dois processos devam coincidir temporalmente. Sua recomendação, inclusive, é a de que se deva aguardar o encerramento de um caso clínico para fazer uma investigação científica a seu respeito. Freud sabia da interferência negativa que poderia existir sobre a análise de um paciente, se durante seu percurso houvesse um “propósito científico”. A seu ver, a atitude do analista deveria permitir que a escuta o levasse a caminhos inusitados, fazendo “oscilar, de acordo com a necessidade, de uma atitude mental para outra, em evitar especulação ou meditação sobre os casos, enquanto eles estão em análise (...)” (Freud, 1912/1996, p. 128). Para cumprir esse propósito, o analista manteria uma atenção flutuante, recebendo com seu inconsciente o material inconsciente do seu paciente, ausentando-se de qualquer seleção do material clínico.

Birman (1994), no texto “A direção da pesquisa psicanalítica”, reafirma a associação entre a pesquisa em psicanálise e o campo da experiência analítica, a qual envolve a escuta do paciente e a interpretação da sua fala na relação transferencial. Foi dessa experiência e de seus desafios que se ergueu o “edifício” metapsicológico e, por meio dela, ele pode continuamente se transformar, promovendo avanços na teoria.

Figueiredo & Minerbo (2006), no artigo “Pesquisa em psicanálise, algumas ideias e um exemplo”, distinguem uma “pesquisa em psicanálise” de uma “pesquisa com método psicanalítico”, classificando a primeira como um processo investigativo sobre elementos da teoria e da prática, mas sem que, necessariamente, o pesquisador tenha tido alguma experiência com essa última. Isso significa dizer que a pesquisa em psicanálise pode ser realizada por profissionais de áreas distintas.

Já a “pesquisa em psicanálise com método psicanalítico” é empreendida por um psicanalista, e seu objeto de investigação possui uma relação direta com a experiência clínica. Nessa proposta, como Freud já havia dito, reúnem-se pesquisa, teoria e prática psicanalíticas. Há um psicanalista que interroga sobre processos tanto dentro quanto fora da situação analítica, a partir de uma perspectiva clínica.

Como parte desse método, o psicanalista deverá interpretar o seu objeto e, dessa interpretação, algo novo surgirá, fazendo com que ambos se transformem. Segundo Figueiredo & Minerbo, (2006): “o olhar do psicanalista é um olhar fora da rotina, que desopacifica o objeto. Ele ressurgente diferente, desconstruído, transformado. O sujeito também se transforma na medida em que se torna capaz de ver coisas que não via antes” (Figueiredo & Minerbo, 2006, p. 2). Dessa forma, os resultados da pesquisa psicanalítica são do âmbito da descoberta e da criação, que emergem da relação entre o pesquisador e o objeto, e da transferência e contratransferência. E nesse processo de descoberta e criação estão presentes duas lógicas, a do inconsciente e da consciência, e, por isso, também, não se produz um conhecimento que não possa ser debatido ou questionado:

Em psicanálise, ao contrário, o segmento demonstrativo é bem pobre e, quando dá o ar de sua graça, é sempre ilusório. Já os momentos de descoberta e invenção criativa predominam na psicanálise e neles o entrelaçamento das duas lógicas em regime de complementaridade é decisivo: não há descoberta do inesperado e invenção do novo sem as irrupções inspiradas dos nossos subterrâneos anímicos e corporais. (...). Nem o material analisado fundamenta e justifica cabalmente as interpretações, nem essas explicam de forma indiscutível o depoimento: trata-se de um trabalho de descoberta/invenção que se alimenta do depoimento e, em

contrapartida, o enriquece e abre para dimensões psíquicas, individuais e sociais, inesperadas (Figueiredo & Minerbo, 2006, p.4).

Na presente investigação, realizamos uma “pesquisa com método psicanalítico” (Figueiredo & Minerbo, 2006), buscando reunir, assim como o fez Freud, investigação, procedimento terapêutico e teoria. Nosso ponto de partida são nossas indagações clínicas, extraídas de casos de incesto fraterno, na infância e na adolescência, que nos fazem pensar nas raízes arcaicas dessa atividade sexual, em consonância com os cuidados internalizados (negligentes, violentos e incestuais).

Para o desenvolvimento do nosso argumento, trilhamos um caminho teórico junto aos autores que desenvolveram essa temática e que se alinham à perspectiva teórica de Melanie Klein, que compreende o funcionamento psíquico a partir da internalização das relações da criança com seus objetos primários, recobertas pelos seus impulsos de amor e ódio. Apesar de esta perspectiva psicanalítica ser acusada de dar maior ênfase à realidade psíquica, entendemos que, no pensamento mais tardio de Klein, as experiências externas também modulam as fantasias infantis acerca de seus objetos, levando as realidades externa e interna a se constituírem simultaneamente.

É justamente essa interação entre o externo e o interno que parece relevante para pensarmos as seguintes questões: o incesto fraterno corresponde às fantasias que uma criança negligenciada constrói sobre as fontes de gratificação que não encontrou disponíveis no objeto parental, e imagina que, talvez, outro irmão possa ter encontrado? Cuidados parentais que falharam em dar contenção e apaziguamento às excitações da criança poderiam criar um campo propício para que o irmão seja uma espécie de continente às excitações corporais do outro?

Para que possamos elucidar essas questões, examinando-as à luz das particularidades das relações fraternas e da experiência desses sujeitos com as figuras parentais, valemo-nos do percurso teórico e da casuística kleiniana, assim como da experiência que acompanhamos como supervisora do Projeto CAVAS/UFMG. Vale ressaltar que, seguindo a recomendação já bastante sedimentada pela psicanálise, os casos já foram desligados do tratamento e os dados relativos aos pacientes foram modificados, a fim de garantir a preservação da identidade deles, sem que tenha havido prejuízos quanto à compreensão do material. Mantivemos apenas os aspectos que se mostraram essenciais à análise do incesto fraterno em conexão com as relações de cuidado.

No primeiro capítulo, **“Bases freudianas para a compreensão do incesto”**, fizemos uma primeira aproximação da temática do incesto, partindo da teorização construída por Freud, e de como esse autor entenderá a organização e interdição dos desejos incestuosos a partir dos complexos de Édipo e da castração. Freud ainda descortinará as mudanças que irão se operar na vivência edípiana da criança, quando nascem os irmãos/irmãs e os significados que virão a ter os vínculos com as figuras fraternas. O autor também reconheceu o que significou para seu paciente “Homem dos Lobos” ter vivido na infância o incesto com sua irmã, mostrando como uma atividade sexual entre duas crianças com idades muito próximas produz efeitos que podem ser duradouros na vida de um indivíduo, deixando marcas na constituição do seu desejo e na formação dos seus sintomas.

No segundo capítulo, por sua vez, **“O funcionamento arcaico no incesto fraterno”**, veremos como a contribuição do psicanalista Hélio Pellegrino à interpretação da trama edípica e da castração desenvolvida por Freud levará a pensar a análise do incesto e de sua renúncia a partir da triangulação primitiva da criança na relação oral com a mãe, em suas vivências de frustração e gratificação. As ideias de Pellegrino revelam grande influência do pensamento de Melanie Klein, que, a nosso ver, mostra-se profícuo para o desenvolvimento da hipótese de que a vivência incestuosa fraterna pode estar relacionada aos cuidados internalizados. Em primeiro momento, escolhemos os trabalhos da autora que apresentam, a partir das análises de seus pequenos pacientes na clínica, as fantasias e angústias despertadas na relação com os irmãos/irmãs. Na medida em que avançamos em nossa investigação, encontramos autores contemporâneos, como os psicanalistas Kaës e Jaitin, que relacionam o incesto fraterno às fantasias primitivas com os objetos. Kaës, autor que percebeu a necessidade de a teoria psicanalítica dar especificidade à temática do fraterno, reconheceu a função organizadora do complexo fraterno no psiquismo, teorizando a esse respeito e revelando a relação entre a dimensão arcaica desse complexo e o incesto entre irmãos/irmãs. Em um caminho investigativo semelhante ao de Kaës, encontramos o trabalho de Jaitin, que analisa o incesto fraterno a partir da escuta de crianças e adolescentes institucionalizados em abrigos, o que, de certa forma, se aproxima da experiência com o público que recebemos para tratamento.

Esses autores colaboram para que possamos entender a dimensão fantasiosa do incesto fraterno, a partir de uma relação primitiva com o objeto primário e dos componentes emocionais que daí emergem. Tanto eles quanto Klein, com seu estudo

sobre a inveja, nos fazem pensar sobre como a criança responde, a partir de suas emoções e fantasias, aos cuidados que indicam um caráter excessivo ou de privação. Além disso, Melanie Klein e o psicanalista Hornstein, ao falarem sobre o narcisismo e o autoerotismo, permitiram que tecêssemos algumas considerações sobre o prazer e o apaziguamento das excitações no contexto de relações objetais que nos propomos a investigar.

No terceiro capítulo, **Bases kleinianas para a compreensão do Édipo e da castração**, abordamos a teorização de Melanie Klein acerca do Édipo e da castração (que possui uma proposta diferente daquela realizada por Freud), a fim de que pudéssemos avançar na conexão entre o incesto fraterno, as fantasias arcaicas com os objetos e como essas últimas interagem com a elaboração da triangulação edipiana.

No quarto capítulo, **Discussão clínica sobre o incesto fraterno**, apresentamos os casos clínicos atendidos por Klein, de atividades sexuais incestuosas entre os irmãos, discutindo-os à luz de dois conceitos importantes: a identificação projetiva (Klein) e a identificação com o agressor (Ferenczi). Tentamos ainda descortinar as particularidades do fenômeno da identificação com o agressor, a partir da casuística de Klein, que torna possível pensá-lo na relação entre crianças. Por fim, à luz do percurso teórico realizado, objetivamos fazer uma elaboração da experiência que temos acumulado ao longo dos anos de escuta clínica dessas questões.

**Nas considerações finais**, retomamos nossas hipóteses iniciais, buscando discuti-las a partir do trajeto construído ao longo da pesquisa. Buscamos pensar nos efeitos psíquicos dos cuidados negligentes, violentos e incestuais, posicionando-nos a respeito tanto daquilo que encontramos nos apontamos feitos pelos autores, quanto do que extraímos a partir da nossa experiência, procurando, assim, elucidar as raízes arcaicas da instalação do incesto fraterno.

## 2 O FUNCIONAMENTO ARCAICO NO INCESTO FRATERNAL

### **2.1 Contribuições de Pellegrino à leitura dos complexos de Édipo e castração: a renúncia ao incesto e suas bases na relação primária com a mãe**

Após a contextualização das ideias freudianas a respeito dos complexos de Édipo e da castração, introduziremos os aspectos mais primitivos que se incorporam ao drama da encruzilhada das relações duais às triangulares, recorrendo, para isso, ao texto de Pellegrino (1987), “Édipo e a paixão”, com uma reformulação da interpretação da lenda de Édipo.

Segundo Pellegrino (1987), aquilo que Édipo havia vivido com seus pais distinguia-se do complexo de Édipo, tal como encontrado na teoria freudiana. Isso porque aquele herói não teria se apaixonado e casado com a mãe que o criou desde os seus primeiros dias, nem mesmo assassinado seu pai adotivo. Ao contrário disso, realizara esses dois feitos com aqueles que o teriam abandonado e o aprisionado a um trágico destino:

A prisão lhe veio de um desamor fundante e fundamental, que o atou à mãe e o arrastou à eliminação do pai. Não se pode falar, aqui, de uma paixão amorosa, como no complexo de Édipo, freudiano, e sim, de uma condenação cuja raiz é, ao contrário, a total ausência de amor (Pellegrino, 1987, p. 310).

Desse modo, o destino ao qual Édipo estava “preso” era a relação primária com seus objetos, à qual se manteria “atado” pelo incesto e pelo assassinato. Assim, a força do primitivo se faria valer em sua sobreposição às experiências posteriores. Dito isso nas palavras de Pellegrino: “(...) a virulência do conflito edípico, na fase fálica, será decisivamente influenciada pelas vicissitudes da relação entre a criança e a mãe, na fase oral” (Pellegrino, 1987, p. 310). A incapacidade à qual Édipo se via amarrado era justamente a de se desprender daqueles pais que o abandonaram, anunciada no início da narrativa, com o menino preso à árvore:

Nessa situação simbólica se prefigura o destino de Édipo. Ele seria sempre o filho amarrado à árvore-mãe, incapaz de nascer e de inventar os seus caminhos. Atado, prisioneiro, preso à mãe pelo cordão umbilical – essa pode ser a leitura

simbólica do pequeno infante dependurado numa árvore, no monte Citeron (Pellegrino, 1987, p. 307).

Édipo, desse modo, estava destinado a não se desamarrar de sua mãe, considerada um seio mau (Pellegrino, 1987). A esse respeito, nos diz o psicanalista:

Quando a relação entre a criança e a mãe for má, essa triangulação arcaica<sup>10</sup> tende a persistir. A imagem da mãe má – ou do seio mau – será projetada na figura do pai que, desta forma, se transformará num perseguidor odiado. A criança, acuada, cheia de ódio que incendiará essa perseguição, desejará matar o pai para entrar mãe-a-dentro, numa última – e incestuosa – busca de refúgio (Pellegrino, 1987, p. 311).

Vemos, com o autor, que ódio ou o amor da criança pelo pai dependerá do sentimento predominante na sua relação com a mãe. A forma como é vivida a triangulação no nível arcaico com o seio materno mostra-se determinante para a triangulação<sup>11</sup>, como Freud a descreve. O elemento decisivo daquela primeira relação, segundo Pellegrino, seria a capacidade de o objeto primário amar e proteger o bebê. Essa seria a condição para conseguir libertar-se da relação incestuosa e aceitar a separação necessária em relação à mãe. Segundo o autor: “(...) se a relação for boa e amorosa, mais facilidade terá a criança de aceitar o corte separador que, com a interdição do incesto, a afasta da mãe” (Pellegrino, 1987, p. 310).

De acordo com Pellegrino (1987), a separação do objeto materno se anuncia primeiramente no nascimento, em seguida, no desmame, no controle do esfíncter anal e na diferença sexual. Para a criança, essa experiência corresponde a um desamparo, contra o qual ela se defenderá criando a ilusão de completude narcísica, mas, também, a qual precisará transpor para relacionar-se simbolicamente com a realidade. Trata-se de um percurso tortuoso, que envolve, a princípio, a negação da realidade e o próprio nascimento. Nesse sentido, nos diz o autor que (1987): “a criança, ao nascer, em função da angústia, desnasce” (Pellegrino, 1986, p. 318). Ela se mantém refugiada na fantasia arquetípica da vida intrauterina, produto de seu: “(...) narcisismo primário- fusão absoluta e imaginária ao organismo materno” (Pellegrino, 1987, p. 318).

Como se observa, a realidade na qual a criança está imersa é alucinatória, inconsciente e regida pelo princípio do prazer. Tem-se, assim, que (...) “a vida, em seu

---

<sup>11</sup>A primeira triangulação a qual o psicanalista está se referindo é a do seio bom, do seio mau e a criança.

fundamento, é um sonho. Nascemos, aos poucos, do sonho imaginário, para o sonho simbólico (...)” (Pellegrino, 1987, p. 318). Ainda segundo o autor: “no psiquismo primitivo, portanto, regido pelo princípio do prazer, a necessidade ou o desejo aparecem sob a forma dos objetos capazes de satisfazê-los” (Pellegrino, 1987, p. 319). Esses objetos não são sentidos como realidade externa, mas como criação alucinatória, compondo um estado de completude narcísica e de negação da realidade. Esse é o funcionamento imaginário, característico do *infans*, frente ao desamparo inicial sofrido por este e à sua imaturidade.

O seu amadurecimento, por outro lado, o levará a uma nova relação com a realidade, não mais como produção alucinatória, realidade negada e inconsciente, mas inaugurando uma simbólica e externa à criança, sob o domínio do princípio de realidade, isto é, pela “castração simbólica” e pela perda da “dimensão fálica”<sup>12</sup> (Pellegrino, 1987, p. 321). No que diz respeito à castração simbólica, trata-se desse “(...) trânsito do imaginário, fálico e onipotente, para o mundo da realidade externa” (Pellegrino, 1987, p. 321).

Ainda para Pellegrino (1987), a castração simbólica efetua uma separação da criança com sua mãe, em uma relação dual e narcísica, marcando a passagem da relação alucinada com os objetos, para a realidade. A castração simbólica, pois, seria “a possibilidade de simbolizar o mundo interno e o mundo externo” (PELLEGRINO, 1987, p.321). A relação fundida com a mãe, nos primórdios calcada na negação da realidade, e de caráter incestuoso, deverá ser interdita, uma vez que impede a representação da realidade e do desejo pela via da cultura e dos símbolos por ela produzidos. Desse modo, “Perder a mãe imaginária significa simbolizá-la na realidade, conformando-a e afeiçoando-a às exigências da Lei da Cultura” (PELLEGRINO, 1987, p. 324).

Dessa forma, compreendemos, a partir de Pellegrino, que a interdição das relações incestuosas é pensada segundo a relação primitiva da criança com o seio, impondo-se como um obstáculo para a separação desse objeto, sua faceta do abandono e da falta de amor. Vimos que, quando assim acontece, instaura-se o ciclo do ódio, o qual será reativado nas relações triangulares estabelecidas posteriormente, dando aos objetos

---

<sup>12</sup> A dimensão fálica diz respeito à experiência de completude onipotente e imaginária, a qual se imagina obter com a posse de determinados objetos, tais como, o pênis e o seio, por exemplo, ou qualquer outro que preencha essa condição.

um caráter persecutório. Como se pode observar, essas ideias nos ajudam a pensar na necessidade de levarmos em consideração aquilo que se constitui nas relações arcaicas, exercendo sua influência sobre as relações posteriores da criança, a exemplo daquelas que serão estabelecidas entre os irmãos. As ideias de Pellegrino, por sua vez, remetem à influência do pensamento de Melanie Klein, estudiosa das relações objetais, e que oferece uma significativa compreensão de como as relações fraternas são tecidas em meio às fantasias relativas ao corpo materno e às frustrações na relação oral com aquele objeto. Além disso, recorreremos aos autores, como Kaës (2011) e Jaitin (2010), que também analisarão a conexão entre as fantasias e o incesto com irmãos/irmãs e as relações objetais arcaicas.

## 2.2 Contribuições de Klein à compreensão da dinâmica fraterna

Em seu trabalho “Fundamentos psicológicos da análise infantil” (1932/1975), Klein observou como o nascimento de outra criança, na vida de suas pacientes Rita e Trude, levou ao incremento dos conflitos e das fantasias tecidas com as figuras parentais. Os sintomas neuróticos obsessivos de Rita, de 2 anos e 9 meses, conectavam-se ao nascimento de seu irmão e a um sentimento de culpa edipiano. De modo semelhante, os sintomas de Trude, de 3 anos e 9 meses, se manifestaram na mesma época em que sua irmã nasceu, e foi possível compreendê-los à luz das fantasias com o corpo da mãe, dos ataques imaginários aos seus bebês e ao casal parental unido, assim como ao desejo de substituí-la junto ao pai. O nascimento da irmã deflagrava toda a problemática relativa ao desmame, com intensos sentimentos de inveja, mostrando o quanto as frustrações orais mesclavam-se aos conflitos edipianos<sup>13</sup>.

Seu outro paciente, Peter, de 3 anos e 9 meses, fazia revelar os impactos da cena primária sobre a forma como se estabeleceria a relação com seu irmão e as dificuldades que foram nela encontradas, associadas a uma forte fixação ao objeto materno e à pouca tolerância à frustração. Essa criança, que havia presenciado a relação sexual entre seus pais, mais tarde viria manifestar as impressões que a cena lhe deixara, por meio de fantasias masturbatórias com seu irmão mais novo – fantasias estas recheadas de sadismo. O menino identificava-se com seus pais no coito e, por isso, transferia para o irmão aquilo que havia sentido ao ter presenciado a relação do casal (Klein, 1932/1975).

---

<sup>13</sup>Apresentaremos as ideias de Melanie Klein sobre a vivência edipiana arcaica no terceiro capítulo.

No trabalho “Tendências criminosas em crianças normais”, Klein (1927/1996) apresentou um pouco mais a história de Peter, em quem percebia a influência da fixação no sadismo oral e anal (reforçada por ter presenciado a cena primária) e de um superego sádico, gerando nele um temor punitivo constante. Existia, na relação com os pais, um misto de desejo e crueldade, além de um forte temor de perdê-los. Nesse cenário, Klein identificava que o paciente dirigia seus investimentos ao irmão, por ter sido “a única relação de verdade que pôde manter” (Klein, 1927/1996, p.206).

Em sua paciente Ruth, de 4 anos e 3 meses, a psicanalista observava uma intensa ansiedade referente ao nascimento de seu novo irmão, com fantasias invejosas e destrutivas direcionadas ao corpo materno e aos conteúdos nele alojados, tais como aos bebês e ao pênis do pai. Tentava, imaginariamente, controlar a vinda daquela criança, desejando roubá-la e matá-la, e, ao mesmo tempo, isso a fazia encher-se de culpa e temor de ser abandonada pela mãe (Klein, 1932/1975).

No artigo “Neurose obsessiva numa menina de seis anos”, Klein (1932/1975) narrou a história de Erna, de 6 anos, paciente que lhe dava uma compreensão de como, mesmo sendo filha única, a fantasia da possibilidade de ter um irmão assumia relevância no psiquismo. A criança era tomada por impulsos agressivos em relação aos bebês imaginários que ela fantasiava existirem no corpo de sua mãe, fazendo-a sentir-se culpada e angustiada. Seus sentimentos eram intensos, pois não tinha como comprovar a extensão deles, ou desenvolver uma relação de tonalidade mais afetuosa com um irmão real.

No artigo “Tendências criminosas em crianças normais” (1927/1996), a autora explica que os irmãos serão objeto de ciúmes, em razão de terem habitado a barriga da mãe, tanto é que já são alvo de ataques imaginários, quando ainda estão dentro do ventre materno. Assim, os ataques não se limitam ao rival, mas incluem também o útero que o abriga, o qual, sob a influência de suas fantasias sádicas, imagina sendo cortado e mordido pelo irmãozinho – o que nos faz perceber o caráter projetivo dessa relação. Os irmãos mais velhos também não escapam ao sadismo dos mais novos: estes se sentem desprezados por aqueles. Todo esse cenário, sob a influência dos impulsos destrutivos da criança, será fonte de culpa e conflitos que poderão persistir ao longo do tempo.

Mas, para Klein (1932/1975), a criança nem sempre rejeita a ideia de ter um irmãozinho e pode até desejá-lo como se fosse seu próprio bebê. Esse nascimento pode tranquilizá-la quanto aos seus temores destrutivos, levando-a a concluir que tudo corre bem com o bebê/irmão, com o corpo da mãe e com o seu próprio corpo. Além disso, os

irmãos servirão como aliados contra os pais, e, ainda, poderão substituí-los como objetos de gratificação sexual.

Em 1937, no artigo “Amor, culpa e reparação”, Klein descreveu a relação com os irmãos, em continuidade àquela estabelecida com os pais, tão logo surgem os desapontamentos com a mãe no desmame e os impulsos genitais. Desejos por gratificação oral serão transferidos ao pai, e, desse modo, os genitores, assim como os irmãos, serão objetos de rivalidade, amor, inveja, medo, culpa e desejo de reparação. Um exemplo disso é o que a autora descreve a respeito das meninas: elas invejarão os bebês que suas mães possuem e desejarão que seus pais possam lhes dar seus próprios bebês.

Além disso, na ausência de uma figura paterna, a paixão edipiana da menina será transferida para um irmão. Klein deixou registrado nos artigos “Sobre a identificação” (1955) e “Sobre a observação do comportamento de bebês”(1952/1991), que os irmãos ajudam tanto na travessia da vivência edipiana, quanto no desprendimento do objeto materno. Esses rivais odiados e invejados, amados e desejados, farão sentir a influência desses vínculos da infância na vida futura e na relação com os próprios filhos.

Vimos como Klein oferece um caminho para compreendermos as relações fraternas a partir das vivências primitivas da criança. De modo semelhante, encontramos, em autores contemporâneos, como Kaës e Jaitin, a análise do fraterno em sua dimensão arcaica, mostrando, por sua vez, como ela possui estreita conexão com o incesto fraterno, como se verá a seguir.

### 2.3 O complexo fraterno arcaico: a perspectiva de Kaës

René Kaës é um psicanalista francês que atua como professor da Universidade de Lion 2 (uma universidade pública francesa) de onde vem desenvolvendo pesquisas em psicopatologia, clínica, “psicanálise de grupo, processos psicológicos em grupos, processos de formação, instituições e ‘análise de transição’”. Suas ideias dão prosseguimento ao trabalho de Didier Anzieu e recebem a influência de diversos autores, como Winnicott, Green, Aulagnier, entre outros (Trachtenberg, A. R. et. al., 2011).

Kaës propôs uma terceira tópica, a partir da qual os processos inconscientes se fundariam na intersubjetividade. Suas investigações sobre o entrecruzamento entre os processos inconscientes intrapsíquicos e interpssíquicos oferecem uma significativa

contribuição acerca das transmissões psíquicas geracionais. Essas, por sua vez, conduzem a problemas complexos, como a repetição de traumatismos, fato recorrente nas vítimas de abuso e nas crianças que atualizam os traumatismos sexuais de seus próprios pais, ou de outros familiares.

Na década de 1960, Kaës formulou algumas noções importantes dentro de seu arcabouço teórico e, dentre elas, a de um “aparelho psíquico grupal”, o qual seria definido pelos “espaços-psíquicos comuns, compartilhados” (Trachtenberg, A. R. et. al., 2011, p. 260). Por meio destes, as psiques se reúnem com seus antagonismos, constituindo um funcionamento e uma lógica distinta da individual. Na década de 1980, Kaës introduziu o conceito de “organizador grupal”, para se referir aos conteúdos psíquicos formados no grupo e à organização dos vínculos e afetos nos mesmos (Trachtenberg et. al., 2011).

Das contribuições desenvolvidas por Kaës, o conceito de complexo fraterno, apresentado no livro homônimo, e publicado em 2011, revela um campo profícuo de investigação a respeito das especificidades dos vínculos reais e imaginários criados com irmãos e irmãs, assim como para a compreensão do incesto fraterno. Kaës, afirmando existir na teoria psicanalítica uma subordinação do complexo fraterno em relação ao complexo de Édipo, buscou descortinar suas particularidades e dar-lhe um lugar de relevo.

De acordo com esse autor, existem “três eixos”, na obra freudiana, a partir das quais a temática do fraterno foi desenvolvida<sup>14</sup>. O primeiro contém as ideias extraídas por Freud, acerca do material colhido do caso do pequeno Hans e da análise do Homem dos Lobos. Esse eixo aborda os efeitos das relações entre irmãos e irmãs durante a infância sobre a organização psíquica dos sujeitos e a influência de uma sedução real no surgimento de sintomas neuróticos.

O segundo eixo do desenvolvimento da temática do fraterno em Freud, de acordo com Kaës (2011), é voltado à proibição das relações fraternas incestuosas e ao estabelecimento de um contrato social, conforme apresentado em “Totem e Tabu”(1912/1996). Nesse trabalho, os irmãos possuem um papel importante no estabelecimento da interdição do incesto e na formação de alianças exogâmicas.

---

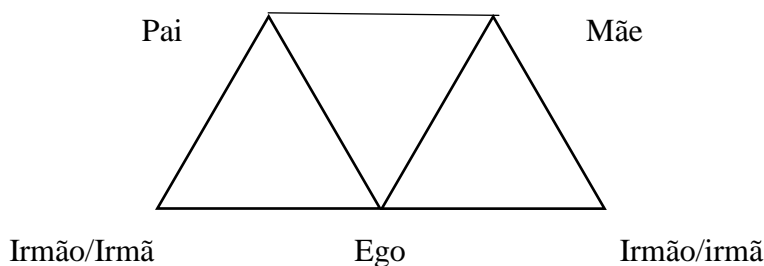
<sup>14</sup>Os eixos organizados por Kaës fazem referência aos trabalhos de Freud que apresentamos no primeiro capítulo, e serão retomados nesse momento apenas de modo breve.

Enfatiza-se a formação dos laços que organizam as relações sociais, constituídos pela identificação entre os irmãos, substituindo uma luta fratricida e rivalitária.

O terceiro eixo refere-se à menção que Freud fez ao termo complexo fraterno, no artigo “Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo” (1922), quando, naquela ocasião, buscava explicar a origem do ciúme irracional, relacionando-a tanto ao complexo de Édipo quanto ao complexo fraterno. Segundo Kaës (2011):

Mas Freud não propõe um desenvolvimento significativo quanto à organização, à função e aos conteúdos desse complexo. Note-se que é mais uma vez a propósito da preponderância do ódio, da inveja e da rivalidade para a posse do amor dos pais, e para a posse dos objetos e do espaço disponíveis, que Freud recorre à noção de complexo fraterno (Kaës, 2011, p. 30).

Conforme formula Kaës (2011), havia uma incerteza no pensamento freudiano para designar o complexo fraterno. Além disso, existiria na psicanálise um certo receio em dar relevo às particularidades desse complexo e, dessa forma, destituir o lugar estruturante do complexo de Édipo. Uma ilustração feita pelo autor sintetiza “a clássica colocação lado a lado do complexo fraterno e do complexo de Édipo” (Kaës, 2011, p. 41), de modo a não considerar a organização própria do complexo fraterno:



Dessa forma, para Kaës, haveria a necessidade de a teoria psicanalítica se ater ao complexo fraterno, dando-lhe um lugar naquilo que possui de singular, e que ressoa no tratamento psicanalítico, por meio da relação transferencial dos pacientes:

Isso equivale a assinalar seu destino na formação do sujeito, de seus objetos e de suas identificações, na constituição dos conflitos psicosexuais da infância e da adolescência, nas singularidades da neurose infantil, particularmente em suas implicações narcísicas, homossexuais e bissexuais, na escolha do objeto amoroso (Kaës, 2011, p.15).

Kaës (2011), no entanto, reconhece avanços na abordagem desse tema, ao encontrar autores que investigam a função defensiva<sup>15</sup> do complexo fraterno e de “pré-elaboração do complexo de Édipo<sup>16</sup>” (Kaës, 2011, p. 40). Entre os autores<sup>17</sup> destacados por Kaës, que ajudam a dar especificidade a esse complexo, há a contribuição de Melanie Klein, que influenciou marcadamente a compreensão do que Kaës viria denominar como a dimensão arcaica do complexo fraterno, a qual se mostrou essencial na explicação do incesto entre irmãos/irmãs. Assim afirma o autor:

Mais adiante, terei ocasião de expor as concepções kleinianas sobre a ambição<sup>18</sup> como um dos modos mais importantes da relação fraterna (...) e sobre o irmão ou a irmã como objetos parciais na forma arcaica do complexo adélfico (...). Também gostaria de lembrar que M. Klein foi, sem dúvida, a primeira a descrever e compreender o que foram para Erna, filha única, seus irmãos e irmãs imaginários (Kaës, 2011, p. 31).

Acreditando ser necessário um debate mais amplo nesse campo de investigação, de forma a outorga-lhe consistência teórica e o reconhecimento de sua relevância na clínica, Kaës busca delimitar o complexo fraterno, começando pelo que a psicanálise define como “complexo”:

Do ponto de vista psicanalítico, o complexo é classicamente definido como um conjunto organizado de representações e de investimentos inconscientes, constituído a partir dos fantasmas e das relações

---

<sup>15</sup>Outro estudioso do complexo fraterno, o autor argentino Luís Kancyper (2004), identificou quatro funções interativas no complexo fraterno: substitutiva, defensiva, elaborativa e estruturante. A função substitutiva aparece como uma alternativa para compensar as funções parentais falidas, fazendo com que o sujeito, ao deslocar sobre os irmãos as angústias e sentimentos hostis relacionados aos pais, consiga um trabalho elaborativo do complexo de Édipo e do narcisismo. A função defensiva se manifesta para obturar angústias, encobrir situações conflituosas e desmentir o confronto geracional. A função elaborativa pretende colocar ao sujeito a possibilidade de vivenciar o incessante trabalho de superação dos arranjos remanescentes, tanto normais quanto patológicos, do narcisismo e da dinâmica edípica. Já a função estrutural irá operar na gênese dos processos identificatórios, ou seja, na constituição do ego, dos ideais do ego e do superego.

<sup>16</sup>Exemplo disso se dá quando uma criança mais nova encontra em um irmão ou irmã mais velhos a possibilidade de fazer uma espécie de “ensaio” das relações edípicas (Kaës, 2011).

<sup>17</sup>De acordo com Kaës (2011), alguns psicanalistas fizeram avanços no desenvolvimento temática do fraterno, entre eles, Adler, Klein, Lacan e Laplanche. Adler (1930) ao afirmar que a disputa entre irmãos leva ao desenvolvimento de traços de caráter. Lacan (1938) com a definição do “complexo do intruso”, estruturante na constituição egóica, a partir da identificação com a imagem de um semelhante, também objeto da agressividade. Laplanche (1970) ao pensar uma triangulação constituída pelo ego, os pais e os irmãos, da qual surgiriam identificações, interdições e rivalidade. Apesar de esses autores terem dado sua valiosa contribuição ao tema, optamos por um recorte, a partir das ideias de Melanie Klein.

<sup>18</sup>Segundo Klein (1957), a ambição está associada à rivalidade e à disputa presentes na vivência edípica. Quando esses componentes se encontram em excesso, revelam suas origens na inveja primária (conceito que apresentaremos mais adiante, neste capítulo).

intersubjetivas nas quais a pessoa toma seu lugar de sujeito desejante em relação a outros sujeitos desejantes (Kaës, 2011, p. 15-16).

Segundo Kaës (2011), o complexo fraterno é formado pelas representações das relações intrapsíquicas do sujeito com os irmãos/irmãs e um terceiro. Nessas relações circulam desejos, identificações, mecanismos de defesa e toda a gama de afetos ambivalentes. Além disso, da mesma forma que as fantasias incestuosas com os pais integram o complexo edípiano, as fantasias de incesto entre irmãos/irmãs fazem parte do complexo fraterno:

(...) o fantasma incestuoso é um componente insistente do complexo fraterno, porque o duplo bissexual interno é o objeto de um desejo universal. Todos os seres humanos são trabalhados pelo fantasma do incesto fraterno, assim como eles o são pelo fantasma do incesto parental. Se é provável que o fantasma de incesto fraterno se organiza em relação ao objeto do desejo da mãe e/ou do pai, ele tem, no entanto, sua consistência própria na escolha do irmão ou da irmã como correalizador desse fantasma (Kaës, 2011, p.43).

De acordo com o autor, a psique se organiza em dois eixos: um vertical e outro horizontal. O vertical é representado pelo complexo de Édipo, e corresponde às diferenças sexuais e geracionais, aos afetos ambivalentes pelos pais e às heranças transgeracionais. Já o horizontal corresponde ao complexo fraterno e às relações ambivalentes com um semelhante:

O complexo fraterno toma sentido no processo da constituição do ego, do narcisismo e das identificações com o outro semelhante. O complexo de Édipo pode representar-se como o eixo vertical da estruturação da psique: suas diferentes formas que fazem variar o amor e o ódio pelos pais, e particularmente pelo sexo oposto, ligam conjuntamente sexualidade e geratividade, diferenças dos sexos e diferenças das gerações. Esse complexo que, de fato, eleva o sujeito para seu tornar-se humano singular, lança também suas raízes nas relações transgeracionais, do lado das heranças e obscuridades originais. O complexo fraterno é o eixo horizontal desta estruturação. Também ele mantém nas diversas formas amor e ódio, desta vez pelo semelhante contemporâneo: um outro, intruso, que se tornará até mesmo familiar e diferente, com o qual relações entre contemporâneos tornam possíveis experiências distintas daquelas que geram as relações com os pais (Kaës, 2011, pp. 43-44).

O complexo fraterno não pressupõe a existência de irmãos na realidade, isto é, de laços fraternos, podendo se relacionar às partes clivadas do próprio ego, a exemplo das criações dos companheiros imaginários muito frequentes nos filhos únicos. Isso não significa dizer que o complexo fraterno não sofra os impactos da presença de irmãos e

de características como idade, sexo, e a ordem de nascimento de cada um na família. Outra influência a ser levada em consideração sobre a forma como o complexo fraterno se organiza é o complexo fraterno dos próprios pais<sup>19</sup>.

O complexo fraterno pode expressar-se de duas maneiras: uma sob o domínio das relações arcaicas, e outra das relações edípicas. Na primeira, o irmão/irmã é um objeto parcial, não destacado do corpo materno ou do corpo do próprio sujeito. Ele é alvo de seus investimentos narcísicos e libidinais, podendo funcionar como um duplo narcísico<sup>20</sup> ou como complemento de uma fantasia relativa à bissexualidade psíquica, isto é, o duplo do outro sexo, uma defesa contra a diferenciação sexual. Faz parte do complexo fraterno afetos como o ódio, a inveja e a ambição, que podem existir, mesmo na ausência de laços fraternos, manifestando-se com irmãos imaginários:

Sob o enfoque da clínica, a categoria do arcaico designa um estado primitivo da construção do objeto e dos processos que nela presidem. Ela corresponde a um estado em que a estruturação do objeto ainda não está concluída, onde, correlativamente, o ego dispõe de mecanismos de defesa rudimentares para enfrentar os movimentos pulsionais violentos, os fantasmas crus que o invadem e as angústias pré-edípicas que o assaltam. Ela coincide com um começo indiferenciado, não subjetivado, ainda não transformado pela introjeção ou pela projeção, no qual prevalecem formações e processos relativamente simples, organizados pela lógica das relações binárias e por formas primitivas de investimentos e de representações (Kaës, 2011, p.142).

Na dimensão arcaica<sup>21</sup>, manifesta-se o ódio pelos irmãos e o desejo de eliminá-los, assim como ataques e tentativas de controle em relação a uma mãe-seio perfeita, mas, também, perigosa, cujos produtos são os irmãos. Assim, a versão arcaica do complexo fraterno associa-se às relações narcísicas, enquanto a edípica corresponde às relações com maior nível de diferenciação entre o sujeito e o outro. Vale notar que pressupor o complexo fraterno desde as relações parciais é deixar de considerá-lo mero deslocamento dos investimentos e afetos edípicos (Kaës, 2011).

Segundo o autor, a dimensão arcaica desse complexo estaria na regência das relações fraternas incestuosas, compondo as fantasias e vínculos de caráter narcísicos, além de aspectos primitivos do relacionamento com figura materna, que reverberariam

---

<sup>19</sup>A respeito da relação entre o complexo fraterno dos pais e dos filhos, gostaríamos de sugerir a leitura do livro de KANCYPER, Luis. *El complejo fraterno: estudio psicoanalítico* – 1ª ed. – Buenos Aires: Lumen, 2004.

<sup>20</sup>O duplo narcísico pode ser compreendido como um representante do ego Ideal, da imagem do semelhante pela qual o sujeito se vê.

<sup>21</sup>De acordo com Kaës (2011), a forma arcaica do complexo fraterno, no qual os irmãos representam, inconscientemente, objetos parciais, aproxima-se das contribuições kleinianas.

nas escolhas de objeto e na satisfação sexual do sujeito. Para entendermos melhor o que compõe a dimensão arcaica, a qual Kaës considera importante na análise do incesto fraterno, é preciso recorrer à figura do duplo.

No complexo fraterno, a figura do duplo<sup>22</sup> adquire proeminência, podendo surgir sob seis diferentes nuances, segundo Kaës, que serão descritas a seguir:

a) o “duplo narcísico especular”, que veicula uma imagem de perfeição, remanescente do narcisismo primário, é representado pelo gêmeo imaginário, em um estado de indiferenciação psíquica. “O duplo narcísico especular, irmão ou irmã, é a forma perfeita de si mesmo, o ideal sublime e genial que representa em espelho o irmão para a irmã e a irmã para o irmão escolhido” (Kaës, 2011, p. 87). Kaës apresenta, junto ao duplo narcísico, a fantasia da bissexualidade, ou seja, ter um irmão que funcione como um duplo com o qual se forma um par contendo os dois sexos. Em ambas as facetas do duplo, encontra-se a recusa da diferença sexual, representando aí um componente perverso do complexo fraterno.

b) “o duplo e a homossexualidade adélfica” consiste em um amor homossexual por um irmão/irmã, que funciona como um duplo com o qual se forma uma unidade, e em quem se busca uma imagem dessexualizada, portanto, sem a inscrição da diferenciação sexual. Trata-se do duplo como encontro com uma parte de si mesmo, e da fantasia de formar uma unidade com o outro. Essa figura do duplo pode também ser representada pela fratria mágica, ou seja, um par sem pai.

c) “O duplo como figura da inquietante estranheza” perturba a continuidade do Eu a partir da representação de um irmão como perseguidor ou inimigo. “Em todos os casos, o duplo, como figura da inquietante estranheza, suscita a angústia da separação e da castração” (Kaës, 2011, p. 91).

d) “o duplo obtido por incorporação de um outro em si mesmo ou por desligamento e clivagem de uma parte de si mesmo” pode conter o ódio, ou a dor de um

---

<sup>22</sup>A figura do duplo surge de modo a criar uma ilusão de imortalidade, e refúgio contra a angústia de morte que ameaça o ego de se aniquilar. Assim teria assinalado Otto Rank acerca do duplo, retomado por Freud, no texto “O Estranho” (1919/1996). No texto de Freud, o contexto de apresentação da ideia de Rank a respeito do duplo se deu em meio às elaborações do autor sobre o narcisismo primário, compreendido como o amor experimentado pelo ego em seus momentos inaugurais. Freud dirá que as ideias de duplicação que se expressam tanto na mente dos povos primitivos, quanto da criança: “brotaram do solo do amor-próprio ilimitado” (Freud, 1919/1996, p.252). Em um momento posterior do desenvolvimento do ego, quando dele se desenvolve uma instância autocrítica, o duplo já não mais possui a característica anterior de amor ilimitado, mas, sim, de um amor que sofre a interferência das críticas.

luto que não se pôde processar, um perseguidor, ou ainda, o objeto que recebe o ódio do sujeito, com fins de preservar o objeto materno ou um outro irmão.

e) “O duplo como companheiro imaginário”, uma criação em situações de abandono e separação, podendo representar um objeto perdido, ou, ainda, uma proteção da rivalidade com a figura materna<sup>23</sup>, funcionando também como um companheiro para as atividades lúdicas da criança.

f) “O duplo como substituto do objeto perdido, o filho da substituição”, pode ser um amigo que entra no lugar de um irmão morto, mantendo-o, de certa forma, vivo, ou, ainda, pode ser um filho que está identificado com outro, já morto.

O irmão como duplo serve também como alvo das projeções hostis, que seriam realizadas com a figura materna. “Não é raro que a violência contra o irmão seja de fato uma tela ou um escudo do ódio em relação à mãe” (Kaes, 2011, p. 111). Um ódio que precisa ser expulso por ser um afeto intolerável.

Compreendemos, com Kaës, o duplo como expressão da dimensão arcaica do complexo fraterno, que se relaciona a um Eu ainda precário, indiferenciado e cujo palco para suas experiências iniciais será o corpo materno:

As formas arcaicas do complexo fraterno nascem no espaço psíquico, cujo lugar é o corpo fantasmático da mãe repleto de irmãos e irmãs; não sujeitos irmãos e/ou irmãs, mas objetos parciais. Em pouco tempo, objetos perfeitamente complementares, cuja união sela a ilusão retrospectiva de uma beatitude sem igual, uma espécie de nirvana inacessível ou de paraíso jamais perdido, como posteriormente os congelará a experiência do desmame e da rivalidade pré-edípiana. (Kaës, 2011, p. 142).

Kaës chamará a atenção para a centralidade da dimensão arcaica e narcísica na compreensão do incesto fraterno. Assim, entendemos, com a citação acima, uma relação entre esse incesto e o complexo arcaico, envolvendo fantasias relacionadas ao corpo da mãe, em que se mantém com os irmãos a ilusão de fusão, de objetos que se complementam e evitam a separação. De acordo com o autor: “é desse ponto de vista da fusão e da complementaridade que se pode compreender a paixão do irmão ou da irmã um pelo outro” (Kaës, 2011, p.142).

---

<sup>23</sup>Kaës (2011) retoma a ideia de Rosolato (1978) para quem o irmão é um duplo que recebe a carga pulsional que seria direcionada ao objeto materno, com a finalidade de preservá-lo.

No entanto, no corpo materno, espaço privilegiado das relações arcaicas com os irmãos, não habita a pretensa beatitude, uma vez que ele é palco de angústias violentas. É o que podemos perceber com a explicação de Kaës, de que os objetos parciais que estão no corpo materno ameaçam como “bocas devoradoras” (Kaës, 2011, p.143) na luta pela exclusividade em desfrutá-lo. Segundo o autor, a respeito desses objetos parciais: “eles são os suportes primitivos da violência e do ódio na paixão adélfica” (Kaës, 2011, p.143).

Conforme afirma Kaës (2011), o poder fecundo da mãe será objeto de identificação, dando lugar à criação da imago “mãe-com-irmãos-e-irmãs” (Kaës, 2011, p.143). A potência desse corpo torna-se objeto de inveja e rivalidade da criança, que o ataca imaginariamente, assim como os bebês que ele é capaz de produzir. Inspirado em Rosolato (1978), Kaës (2011) afirma que o desejo de matar os irmãos possui relação com a inveja da mãe. Esse desejo seria, portanto, de destruir o produto da relação do casal parental, ao mesmo tempo, eliminando os rivais e tentando controlar a fertilidade materna. Segundo Kaës (2011), é possível compreender a imago “mãe-com-irmãos-e-irmãs” a partir de uma rivalidade edipiana, como também considerá-la sob a perspectiva de uma rivalidade com a criatividade do corpo materno.

Segundo Kaës, os irmãos que surgem acoplados a essa imago materna, do complexo fraterno arcaico, irão compor, junto a ela, um seio perfeito. “Eles formam uma fratria mágica, onipotente e inseparável, soldada pelo narcisismo primário, a menos que esses objetos parciais se entreguem a uma guerra total” (Kaës, 2011, p.147).

O vínculo com a figura fraterna em duplicidade ao sujeito não pode se anunciar a partir de uma perspectiva de separar-se da mesma. Para Kaës, o incesto entre irmãos/irmãs pode indicar uma não separação do objeto materno, acontecendo, assim, por meio de identificações adesivas, isto é, por colagem. O conceito de identificação adesiva foi desenvolvido por Esther Bick para descrever uma identificação por mimetismo a um objeto, que passa a funcionar como uma espécie de pele protetora psíquica ou envoltório capaz de conter as excitações. Quando, nesse contexto, existe uma relação incestuosa com um irmão, as partes do próprio corpo podem confundir-se, por colagem, adesivação, com o corpo do outro. Dessa forma, tocá-lo e tocar a si mesmo seriam equivalentes.

Vale ressaltar que os desejos incestuosos com os irmãos deverão também ser relacionados aos laços construídos com cada um: se o irmão é preferido pelo outro; se, por outro lado, é objeto do ódio, se é o filho preferido pela mãe, entre outros. Há, por

exemplo, a possibilidade de o irmão, que se tornou um sedutor, ter sido também, um rival, tal como encontramos no caso do Homem dos Lobos, que seduziu sua irmã na adolescência, após tê-la tido como uma rival na disputa pelo amor do pai, durante sua infância.

Kaës (2011) chama atenção para o fato de o irmão poder ser um intermediário do vínculo da criança com sua mãe. Dessa forma, viver o incesto com o filho considerado preferido pela figura materna seria uma forma de diminuir a distância entre ambos. Nas palavras de Kaës, a respeito da análise de uma de suas pacientes: “Ela prefere meu irmão. Se fico com meu irmão, se faço, por assim dizer, parte de meu irmão, talvez poderei aproximar-me dela” (Kaës, 2011, p. 69). Essa mesma paciente teria desejado viver com a mãe uma experiência excitante e incestuosa que teria sido privilégio de sua irmã caçula, e cuja lembrança provocava as mesmas sensações despertadas na vivência incestuosa com o irmão, na adolescência. Assim, o incesto na adolescência pode nos indicar o quanto essa relação implica em uma reedição da ligação com a figura materna e o anseio em continuar sendo excitado por ela, de modo excessivo e transbordante.

#### 2.4 Contribuições de Jaitin à reflexão sobre o incesto fraterno

Kaës faz menção à importância dos estudos sobre o incesto fraterno, realizados pela autora argentina, Rosa Jaitin, na área da psicoterapia familiar de orientação psicanalítica e, aos quais, também faremos referência, a partir do que foi exposto no livro “*Clínica del incesto fraternal*”, de 2010, cujos dados, extraídos de sua experiência com irmãos abrigados, revelam a existência da marca da transgeracionalidade no incesto entre irmãos.

Analisando o vínculo fraterno daquelas crianças, Jaitin pôde observar os impactos vividos pelos filhos quando assumem os lugares parentais, expressando uma alteração do sentimento de pertencimento familiar, um sentimento que permite que se reconheçam como irmãos e, a partir do qual, podem transitar de um ideal narcísico a um ideal do eu, da individuação ao pertencimento ao grupo social (Jaitin, 2010). Um pacto denegativo é criado quando, os irmãos, em razão da perda do investimento narcísico empreendido por seus pais, buscam manter um espaço de não-separação e indivisão. Unem-se no ódio e na negação dos “buracos” deixados pelas figuras parentais.

Os irmãos reportam à filiação com seus pais e, nesse sentido, ofertam um suporte identificatório, servindo para a constatação da presença do não-eu, para a transição entre a união e a separação do objeto materno, e, assim, como um vínculo de transição para outras relações da cultura (Jaitin, 2010). Segundo essa autora, o vínculo fraterno possui muitas nuances. A princípio ele funciona em uma relação fusionada com a mãe, com fantasias de ódio e devoramento. Mas, depois, esse vínculo será importante na transição dos processos primários aos processos secundários, como estímulo ao pensamento, possuindo um componente de para-excitação, que auxilia no processo de ligar e de conter os estímulos. Ele equivalerá ao espaço do jogo, da transicionalidade entre o externo e o interno, da destruição, da criação e da elaboração da rivalidade. O irmão deve servir como objeto de jogo, de canalização da destrutividade e do sentimento de sobreviver a ela.

Jaitin (2010) associará o incesto à destruição do vínculo, mediante a ausência desse espaço de jogo e transição. Dentre outros componentes destacados pela autora, na realização do incesto fraterno, pode existir uma mãe presente fisicamente, mas ausente psicologicamente, ou ainda, uma mãe onipresente que passa a ser obstáculo ao lugar do irmão como terceiro e da criação de um espaço transicional e de representação de sua ausência.

O vínculo fraterno é organizado por fantasias sobre a origem e sobre o incesto. As fantasias originárias<sup>24</sup> tentarão responder aos enigmas do nascimento, das diferenças sexuais, do nascimento do desejo, do prazer e da constituição egóica. Entre as fantasias originárias, Jaitin menciona a da cena primária, tal como teorizada pelos kleinianos e pós-kleinianos, que pressupõe o casal parental dentro do corpo materno, com os filhos presentes, testemunhando a excitação dos pais, e o que remonta tanto à posição desejante das figuras parentais quanto dos filhos. Veja-se:

A excitação produzida pelos indícios sensoriais do coito parental conduz os filhos a representar-se em matrimônio com o irmão, como duplo de si. Ou bem, por imaginar-se ter presenciado a cena, o sujeito se figura como bebê interno. As fantasias da cena primitiva organizam a representação do vínculo fraterno em uma relação ininterrupta entre a fratria e a mãe. Nesse sentido, o grupo fraterno se encontra de entrada em uma posição correlativa e simultânea com o par, para

---

<sup>24</sup>Fantasias universais que organizam toda a fantasmagoria dos sujeitos, e independem de suas experiências: “vida intrauterina, cena originária, castração, sedução” (Laplanche & Pontalis, 1983, p. 174).

poder ocupar um lugar de sujeito desejado e desejante<sup>25</sup> (Jaitin, 2010, p. 76, tradução nossa).

Além disso, a presença de um irmão fará a criança testemunhar a paixão e o prazer entre o corpo da mãe e o de seu filho. Ela olhará para aquela relação apaixonada sentindo-se, ao mesmo tempo, atraída por ela e com repulsa. O corpo do irmão se converte em objeto de exploração curiosa, revestindo o vínculo fraterno de um caráter incestual (Jaitin, 2010).

Às fantasias originárias, Jaitin acrescenta aquelas de “*totipotencialidade e antedipo*”. O sentido dado ao “antedipo” é o que foi proposto por Racamier (1992, apud Jaitin, 2010), que se relaciona ao conflito entre união e separação do objeto materno, à organização de limites, e, também, à fantasia de autoengendramento, na qual o sujeito gera a si mesmo. Já a noção de “totipotencialidade”, foi desenvolvida por Bizouard (1995, apud Jaitin, 2010) para referir-se a uma fusão e indiferenciação com a mãe:

O antedipo se relaciona com a pulsão de autoconservação, enquanto que a fantasia da “*totipotencialidade*” se faz com o antifraterno, na medida em que o irmão não pode nascer como sujeito. Esta estrutura fantasmática subjaz ao incesto fraterno<sup>26</sup> (Jaitin, 2010, p. 79, tradução nossa).

A autora esclarece ainda que o “antedipo” está relacionado às fantasias edipianas, enquanto a “totipotencialidade” refere-se às origens e à “indiferenciação autoerótica” (Jaitin, 2010, p. 78). Ambas, no entanto, se referem à indiferenciação e à emergência do Eu, e constituem a estrutura fantasmática do incesto fraterno. Vale ainda acrescentar que na “totipotencialidade” podem estar subjacentes as fantasias originárias de clonagem e gemelidade. Entendemos, com a citação acima, o quanto no incesto fraterno realiza-se a “totipotencialidade”, ou seja, o irmão não nasce como sujeito para o outro, mas sim permanece como uma espécie de duplo, do qual dele não se diferencia, e passa a ser um clone ou um gêmeo.

---

<sup>25</sup>*La excitación producida por los indicios sensoriales del coito parental conduce a los hijos a representarse en matrimonio con el hermano como doble de sí. O bien, por imaginar se haber presenciado la escena, el sujeto se figura como bebé interno. Los fantasmas de la escena primitiva organizan la representación del vínculo fraterno en una relación ininterrumpida entre la fratría y la madre. En este sentido, el grupo fraterno se encuentra de entrada en una posición correlativa y simultánea con el par, para poder ocupar un lugar como sujeto deseado y deseante (Jaitin, 2010, p. 76).*

<sup>26</sup>*El antedipo se relaciona con la pulsión de autoconservación, mientras que el fantasma de totipotencialidad lo hace con lo antifraterno, en la medida en que el frater no logra nacer como sujeto. Esta estructura fantasmática subyace en el incesto fraterno (Jaitin, 2010, p. 78).*

A fantasia de clonagem representa a forma de nascimento de um irmão por partenogênese, isto é, sem fecundação, o que origina sujeitos idênticos, sendo esse um modo de negação total do vínculo entre ambos: “Então, um é o clone do outro, e não um ser diferente dentro de uma relação fraterna<sup>27</sup>” (Jaitin, 2010, p.79) (Tradução nossa).

A partir dessa fantasia, o vínculo pode se organizar de maneiras distintas, conforme apontado pela autora. Uma delas é a união dos irmãos em uma situação de abandono por parte da mãe, quando assumem o cuidado um do outro substituindo seus ancestrais. Outro modo de organização do vínculo se dá “quando a bissexualidade fraterna se transforma em homossexualidade<sup>28</sup>” (Jaitin, 2010, p. 79) (Tradução nossa), como uma espécie de tentativa de um irmão não realizar seus desejos incestuosos com sua irmã. Assim exemplifica a autora, a partir da análise de um caso clínico: “A análise de Joaquim permitiu compreender que sua escolha homossexual era uma maneira de resolver o desejo incestuoso que havia entre a irmã e o irmão: seria uma solução para preservar o vínculo<sup>29</sup>” (Jaitin, 2010, p. 79) (Tradução nossa).

Outro modo de os irmãos se vincularem consiste em uma tentativa perversa de “gozar” como os pais, sem consideração à diferença geracional que existe em relação a eles. Segundo a autora: “(...) se unem entre eles para satisfazer o gozo e o poder dos pais. Os irmãos se convertem, então, em clone de seus pais (...)”<sup>30</sup> (Jaitin, 2010, p. 79) (Tradução nossa).

Além da fantasia de clonagem, há também a fantasia de gemelidade<sup>31</sup>, ou de um gêmeo imaginário, que resulta de uma clivagem no sujeito, e implica em uma tentativa de dominar o objeto reduzindo-o à realidade psíquica interna. Segundo Jaitin: “A criação de um gêmeo imaginário traduz uma incapacidade de tolerar um objeto que não está inteiramente sob seu controle<sup>32</sup>” (Jaitin, 2010, p. 80). (Tradução nossa).

<sup>27</sup>“Entonces, uno es el clon del otro, y no un ser diferente dentro de una relación fraternal” (Jaitin, 2010, p.79).

<sup>28</sup>“Cuando la bissexualidad fraterna se transforma en homosexualidad<sup>28</sup>” (Jaitin, 2010, p. 79),

<sup>29</sup>“El análisis de Joaquín permitió comprender que su elección homosexual era una manera de resolver el deseo incestuoso que había entre la hermana y el hermano: sería una solución para preservar el vínculo” (Jaitin, 2010, p. 79).

<sup>30</sup>“(...) se unen entre ellos para satisfacer el goce y el poder de los padres. La fratría se convierte, entonces, em el clon de sus padres (...)” (Jaitin, 2010, p. 79).

<sup>31</sup>Segundo Kancyper (2004), a fantasia de gemelidade presente nas relações fraternas corresponde à fantasia de um reflexo, de um duplo, e é contemporânea ao momento em que o ego não está separado do mundo exterior e do outro. Essa fantasia aparece, apaga os limites com a realidade, operando como um corpo estranho, fonte de angústias confusionais. O duplo passa a representar para o sujeito um usurpador de seu espaço psíquico, que o escraviza. Um não poderá triunfar em relação ao outro, posto que deverá existir uma só possibilidade para os dois.

<sup>32</sup>“La creación del mellizo imaginario traduce una incapacidad de tolerar un objeto que no este íntegramente bajo su control<sup>32</sup>” (Jaitin, 2010, p. 80).

Por fim, outra fantasia destacada pela autora, em sua análise do incesto fraterno, é aquela que diz respeito à morte imaginária do irmão. A fantasia de morte estará presente no vínculo entre irmãos, e a destruição imaginária do irmão/a deverá ser elaborada em meio a uma crescente diferenciação entre ataques imaginários e reais. Por outro lado, o insucesso desse intento poderá resultar em uma perda narcísica e em quadros melancólicos e depressivos.

Jaitin (2010) considera também que o incesto é realizado quando a incestualidade, encontrada na relação com a mãe e com o irmão, não pode ser transposta. Como obstáculos a essa transposição, elenca os seguintes fatores:

- a) A presença de uma pessoa deficiente ou psicótica na família, que produz a angústia de desintegração, e, contra a qual, dá-se a realização do incesto (*La categoria de vivo/no vivo*);
- b) Quando gerações de uma mesma família praticam o incesto fraterno, fazendo uma equivalência entre endogamia e exogamia. Defesas psíquicas são acionadas contra a separação, tais como, a negação, excisão, projeção e introjeção e, busca-se a ilusão da manutenção da fusão, evitando-se os afetos depressivos relacionados à separação (*La indiferenciación adentro-afuera*);
- c) A presença de dificuldade em estabelecer diferenças geracionais, que marcam a distinção entre adultos e crianças (*Los grandes y los pequeños*).
- d) O nascimento de um irmão na família produz dificuldades a uma criança mais velha, uma vez que desperta seus ciúmes e desejos assassinos, ajudando a introduzir a dimensão do terceiro. (*El doble y el tercero*).
- e) Outra questão que se coloca na relação entre irmãos, é a diferenciação sexual, e, nesse sentido, o incesto pode ser uma não resolução da bissexualidade (*Las niñas y los niños*).

Segundo Jaitin (2010), no incesto fraterno, há o predomínio do “vínculo fraterno sincrético”, o qual se caracteriza “(...) pela falta de diferenciação dos sexos, de gerações e de culturas”<sup>33</sup> (Jaitin, 2010, p. 104) (tradução nossa). Como bem afirma Kaës, a respeito das ideias dessa autora, no incesto fraterno os invólucros familiares encontram-

---

<sup>33</sup>“(...) por la falta de diferenciación de sexos, de generaciones y de culturas” (Jaitin, 2010, p. 104).

se enfraquecidos, as fronteiras geracionais não foram estabelecidas, e não há “o reconhecimento do irmão como outro” (Kaës, 2011, p. 172).

Entendemos, com Jaitin, como o incesto fraterno pode manter um estado de indiferenciação, em meio à tentativa de construir uma fantasia das origens que negue a existência das diferenças, mesmo que, para isso, se pague o preço de destruir o vínculo, transformando o irmão em um duplo, um idêntico. Reunindo esses apontamentos à leitura que fazemos de Kaës, é possível compreender que a centralidade dessa temática se encontra na relação imaginária e arcaica com o corpo materno, uma vez que o primeiro reconhecimento da existência dos irmãos vincula-se a ele, à sua potência criativa. A questão é se haveria, nesses casos, um modo fantasioso de construir uma mitologia sobre as origens, com uma negação onipotente do corpo da mãe com sua capacidade reprodutiva, também buscando negar o próprio desamparo e a dependência desse objeto, em meio a uma fúria invejosa.

A fim de sintetizarmos alguns pontos destacados por Klein, Kaës e Jaitin, a respeito das relações e do incesto entre irmãos/irmãs, organizamos o quadro abaixo.

**Quadro 1**  
**Compreensões sobre as relações e o incesto entre irmãos/irmãs**

Autores	Compreensões sobre as relações entre irmãos/irmãs e o incesto fraterno
<b>Klein (1927-1955)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Os irmãos/irmãs receberão a carga de hostilidade produzida pelas frustrações orais, vividas na relação com a mãe e, também, com o casal parental, no início da vivência edipiana.</li> <li>- Os ataques sádicos em relação aos irmãos e irmãs terão como “palco” o interior do corpo da mãe.</li> <li>- O nascimento de outras crianças deflagra a problemática do desmame e um intenso sentimento de inveja.</li> <li>- O nascimento de irmãos e irmãs pode apaziguar os temores da criança sobre a integridade do seu corpo, do corpo da mãe e dos seus bebês.</li> <li>- Irmãos e irmãs serão fundamentais para a travessia do complexo de Édipo e para o desprendimento das figuras parentais.</li> <li>- A observação da relação sexual dos pais e as impressões despertadas por essa cena podem dar origem às fantasias sexuais com os irmãos/irmãs.</li> <li>- Irmãos e irmãs podem ser fonte de gratificação sexual e alvo das paixões edipianas. Nessa relação, comporta tanto fantasias destrutivas quanto amor, desejo, culpa e reparação.</li> </ul>
<b>Kaës (2011)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Os vínculos fraternos são organizados pelo complexo fraterno, em suas dimensões arcaica e edipiana.</li> <li>- Na vertente arcaica, a relação com irmãos e irmãs irá se dar em extensão com o corpo materno, representados como objetos parciais.</li> <li>-A dimensão arcaica do complexo fraterno está na regência do incesto fraterno.</li> <li>-Na dinâmica arcaica o irmão/irmã pode representar um duplo, o que comporta diferentes nuances: a) o duplo em seu caráter narcísico, complementar, indiferenciado</li> </ul>

	<p>e acoplado ao objeto materno; b) como uma unidade na qual não se inscreve a diferença sexual; c) como um perseguidor que suscita a angústia de separação; d) uma clivagem de si mesmo que deverá conter sentimentos dolorosos; e) um companheiro imaginário; f) um substituto de um irmão morto.</p> <p>- O incesto fraterno poderá ser uma forma de aproximação da figura materna, revelando a problemática na qual ele se insere de não-separação daquele objeto.</p> <p>-As atividades sexuais incestuosas podem servir à formação de uma pele psíquica, capaz de conter as excitações.</p>
<b>Jaitin (2010)</b>	<p>-O vínculo com os irmãos e irmãs serve à diferentes finalidades: à criação de um espaço de jogo e transição para os processos secundários; à canalização da agressividade; à transicionalidade entre o externo e o interno; e à exploração curiosa.</p> <p>-O vínculo fraterno organiza-se a partir de fantasias sobre a origem e sobre o incesto.</p> <p>-O incesto é uma destruição do vínculo e está relacionado a uma figura materna que não dá lugar a um espaço de representação de sua ausência.</p> <p>-No incesto fraterno estão presentes as fantasias originárias de clonagem (sujeitos idênticos, em que um é o duplo do outro), e gemelidade (o irmão ou a irmã são como um gêmeo imaginário, isto é, uma parte clivada do sujeito).</p> <p>-As relações fraternas incestuosas ocorrem quando a incestualidade na relação com a mãe e com o irmão/ã não puderam ser transpostas.</p> <p>- A incestualidade não pode ser transposta mediante a necessidade de defender-se contra: a angústia de desintegração; dos afetos depressivos relacionados à separação; à angústia relativa às diferenças entre gerações; à introdução do terceiro; e à diferenciação sexual.</p> <p>- Casos de incesto entre irmãos e irmãs podem acontecer quando os invólucros familiares estão enfraquecidos e não há reconhecimento do irmão como outro.</p>

## 2.5 A fúria invejosa contra a mãe

De acordo com Kaës e Jaitin, o incesto fraterno se dá sob uma base arcaica, na qual se cria com o irmão/irmã uma ilusão de complementaridade, constituída na relação com o corpo materno. Nesse arranjo primitivo, predomina a imago “mãe-com-irmãos-e-irmãs”, por meio da qual os irmãos identificam-se com a fecundidade da mãe (Kaës, 2011). A fantasia de acoplar-se aos bebês produzidos no corpo materno é também um modo de se sentir potente como aquele e, até mesmo, como diria Rosolato (1978 apud Kaës, 2011): “confortar-se na ilusão de ser capaz de procriar sozinha” (Rosolato (1978 apud Kaës, 2011, p. 144). Essa imago, que comunica tanto o desejo de ter bebês como a mãe, quanto o de destruir, de modo invejoso, os bebês que ela tem, a nosso ver, traz, para o primeiro plano, o sentimento da inveja, cuja aparição inicial se dá na relação

primária com o seio, associada ao anseio por um objeto que possa aplacar a angústia logo nos estágios iniciais da vida.

O desenvolvimento da temática da inveja primária – “a mais primitiva externalização do instinto de morte” (Segal, 1975, p.52) – foi uma das grandes contribuições de Klein à teoria psicanalítica. Sobre isso, nos orientaremos pelo trabalho escrito pela autora, em 1957, “Inveja e Gratidão”, buscando vincular suas ideias à temática do incesto entre irmãos.

Para Klein, as experiências do nascimento e da perda do estado intrauterino serão vividas como fonte de angústia pelo bebê, que será apaziguada apenas pela “proximidade física e mental com o seio gratificador” (Klein, 1957, p. 210). Essa relação adquire importância fundamental, junto aos fatores inatos do bebê, a fim de que possa existir uma experiência de continuidade e restabelecimento da segurança. Dentre os fatores inatos do bebê, há uma expectativa, em função da vivência intrauterina, de encontrar algo que poderá dar o que ele precisa, além disso: “(...)o seio é instintivamente sentido como sendo a fonte de nutrição e, portanto, num sentido mais profundo, da própria vida” (Klein, 1957, p. 210).

Condições externas podem interferir nas primeiras interações com o objeto materno, dificultando as experiências de prazer e confiança e, conseqüentemente, no aplacamento da pulsão de morte e da sensação de aniquilamento que assolam o bebê nos períodos iniciais da vida pós-natal. Essas interferências podem representar dificuldades na adaptação ao mundo, e, assim, “(...) a relação com o seio inicia-se sob condições de grande desvantagem” (Klein, 1957, p. 210).

Dentre essas situações, encontram-se as dificuldades no nascimento, a insuficiência dos cuidados maternos, da alimentação, o quanto a mãe consegue aproveitar a experiência com o seu bebê, ou se está tomada com seus próprios dilemas emocionais. Para a autora, “(...) todos esses fatores influenciam a capacidade do bebê de aceitar o leite com prazer e de internalizar o seio bom” (Klein, 1957, p.210). O seio bom será importante para o fortalecimento do Eu e a integração psíquica, constituindo “um núcleo gerador de pulsões de vida” (Cintra & Figueiredo, 2010, p. 126).

Destacamos a insuficiência dos cuidados – por encontrá-la de modo recorrente no nosso campo investigativo – como um obstáculo que se colocará às relações de prazer com o objeto primário e à sua internalização, o que compreendemos ser também um empecilho ao prazer autoerótico e à capacidade de restabelecer acalmia e confiança no objeto.

Cabe salientar que, segundo Klein, fatores internos também são relevantes para explicar uma difícil assimilação do bom objeto. Entre eles estão a propensão a uma fixação oral, à voracidade, acompanhadas do componente invejoso, que tornarão a insatisfação a marca da relação com o objeto, afetando, dessa forma, a qualidade desse contato. Ademais, esses componentes estariam relacionados ao arsenal destrutivo do bebê e à sua capacidade de amar, compondo todo o aparato constitucional que ele já traria consigo para lidar com as frustrações:

Ao falar de um conflito inato entre amor e ódio, deixo implícito que a capacidade tanto para o amor quanto para impulsos destrutivos é, até certo, constitucional, embora varie individualmente em intensidade e interaja desde o início, com as condições externas (Klein, 1957, p. 211).

Após o nascimento, uma das primeiras experiências com as quais um ser humano precisará lidar será a distância entre a satisfação encontrada com o objeto e aquela idealizada, referente à unidade pré-natal. O diferencial de prazer aí encontrado ativa a ansiedade persecutória, que cria no bebê a necessidade do amor do objeto, capaz de aplacar sua angústia, além de satisfazer seus anseios libidinais:

Um elemento de frustração por parte do seio está fadado a entrar na relação mais inicial do bebê com o seio, porque até mesmo uma situação feliz de amamentação não pode substituir completamente a unidade pré-natal com a mãe. Além disso, o anseio do bebê por um seio inexaurível e sempre-presente não se origina, absolutamente, apenas de uma ânsia por alimento ou de desejos libidinais. Pois, mesmo nos estágios mais iniciais, a premência por obter constante evidência do amor da mãe está fundamentalmente enraizada na ansiedade (Klein, 1957, pp. 210-211).

Quando o bebê percebe que é separado do seio (objeto que será idealizado para que possa protegê-lo do seu temor de aniquilamento) começa a invejá-lo, pois ele “(...) é a fonte de todos os confortos, físicos e mentais, reservatório inesgotável de alimento e calor, amor, compreensão e sabedoria” (Segal, 1975, p. 52). Exatamente por desfrutar todas essas qualidades imaginárias, o seio desperta raiva e ímpeto destrutivo. Invejado, mas também desejado e ansiado como uma posse do bom, esse objeto/ seio é aquilo que o bebê queria ser: “A inveja visa a que se seja tão bom quanto o objeto; mas, quando isso é sentido como impossível, visa a danificar a bondade do objeto, para remover a fonte de sentimentos invejosos” (Segal, 1975, p. 52).

Dessa forma, tem início um doloroso penar, com um misto de ódio destrutivo e mortífero e o desejo voraz de incorporar todas as características desse objeto, retirando-lhe tudo. A voracidade passa a ser um importante componente que se associa à inveja, consistindo em devorar por meio de uma introjeção destrutiva, e se apossar do objeto de modo insaciável e inconsequente (Segal, 1975). Segundo Cintra & Figueiredo (2010): “um bebê mais voraz e apressado sente com maior nitidez a insatisfação e fica, portanto, sujeito a usufruir com menos calma daquilo que o seio poderia oferecer” (Cintra & Figueiredo, 2010, p. 127).

Se considerarmos que a privação intensifica a voracidade e a ansiedade persecutória, e que existe na mente do bebê a fantasia de um seio inexaurível, que é o seu maior desejo, torna-se compreensível como a inveja surge mesmo se o bebê é inadequadamente amamentado (Klein, 1957, p. 215).

Quanto mais tomado por temores persecutórios durante a experiência de gratificação com o seio cheio de bondade, mais o bebê projeta nele sua destrutividade (Segal, 1975). Por outro lado, é pelo mesmo motivo que precisa desse objeto, uma vez que a experiência com a mãe é essencial para livrar a criança do sofrimento dos seus impulsos destrutivos – e, assim, aumentando sua voracidade e desejo de consumi-lo esgotando todas as suas reservas, instituindo um ciclo de tormento.

O sentimento invejoso destrói a criatividade e a crença na bondade da mãe, tornando-se um grande obstáculo ao desenvolvimento do amor e da gratidão, pois perturba, muito precocemente, a capacidade de fruição do que o objeto tem a oferecer. Ao destruir invejosamente a bondade da mãe – da qual o bebê depende – suas qualidades danificadas não poderão ser introjetadas, já que se tornarão desvalorizadas.

Segundo Cintra & Figueiredo (2010), a inveja visa à destruição da relação de dependência com o objeto, e de tudo aquilo que ele representa em termos de sua capacidade de produzir vida e prazer, o que pode ser representado pelo corpo da mãe que pode gerar bebês e por suas atitudes que conseguem suprir um conjunto de necessidades de uma criança, relacionadas ao seu cuidado e à sua presença:

A vida emocional arcaica oscila entre ter e perder o contato com esta fonte vital que parece possuir tudo de que se precisa – a presença materna traz uma abundância de estímulos e excitações e a sua ausência torna-se muito cruel pela privação de tudo. É, pois, a transitoriedade do objeto e sua incapacidade de atender plena e continuamente à insaciabilidade do desejo que dão origem ao ódio e ao ressentimento que englobamos sob o nome de “inveja” (Cintra & Figueiredo, 2010, p. 75).

A admiração pelo objeto e o componente amoroso que se associam à inveja são afetados pela pulsão de morte, tornando os elementos libidinais menos evidentes do que na voracidade. Esse misto de libido e pulsão de morte será reconhecido como “um modo de desejar dominado pela dinâmica da pulsão de morte” (Cintra & Figueiredo, 2010, p. 129). Segundo os autores, a inveja primária é “uma outra maneira de falar a respeito da força bruta do desejo em suas origens” (Cintra & Figueiredo, 2010, p. 12).

Quanto maior a inveja, mais intensos e duradouros serão os ataques, tornando o objeto bom cada vez mais dificilmente recuperável. Os ataques sádicos e invejosos ao objeto vão fazendo com que ele perca o seu valor e se transforme em um objeto mau. Esses ataques, que destroem aquilo que o objeto oferece ao bebê, estendem-se, portanto, aos objetos internos. Para que seja possível retomar a relação com o bom objeto sem a sensação de que ele tenha ficado seriamente danificado, é preciso que os ataques invejosos não sejam intensos nem duradouros.

A incerteza quanto à bondade do objeto, em decorrência dos ataques a ele destinados, aumenta a voracidade e todo o ciclo destrutivo. Assim, toda vez que o objeto é sentido como bom, ele será vorazmente consumido. Por isso, podemos dizer que, quanto menos o objeto bom está internalizado, menor a reserva de prazer, amor e criatividade, havendo mais “fome” de objeto, o que o fará ser consumido destrutivamente.

Suportar a inveja e o ressentimento com o objeto, refazer-se desses afetos, restabelecer o bom objeto, depende da capacidade de amar da criança e do quão firmemente ela consegue manter um objeto bom internalizado. “Assim, quando esses estados negativos são transitórios, o objeto bom é recuperado a cada vez” (Klein, 1957, p.219). A intensidade da inveja, que interfere também na voracidade e na ansiedade persecutória, pode dificultar a retomada da relação com o bom objeto, após um período de ódio e ressentimento, colocando em dúvida a bondade do objeto e dos próprios sentimentos amorosos, provocando um estado de discriminação.

Segundo Klein (1957), “o bebê só pode sentir satisfação completa se a capacidade de amar é suficientemente desenvolvida; e é a satisfação que forma a base da gratidão” (Klein, 1957, p.219). Desse amor com a mãe, constitui-se a base da satisfação sexual, das experiências felizes posteriores e do sentimento de ser compreendido. Ela afirma ainda que: “A capacidade de fruir plenamente a primeira relação com o seio forma a base para sentir prazer proveniente de diversas

fontes”(Klein, 1957, p. 220). Nessa via, ao que nos parece, a relação incestuosa fraterna está menos sob o domínio do prazer e mais sob a necessidade de defender-se contra a angústia.

Segundo Cintra & Figueiredo, “a cada experiência em que a fonte de amor se nega e retrai, mais aumenta o desejo e a inveja, o ressentimento e o ódio, bem como o estrago imaginário produzido no bom objeto” (Cintra & Figueiredo, 2010, p. 12). Entendemos que essa também parece ser a lógica instaurada pela negligência, que faz com que o psiquismo e o corpo sejam habitados pela dúvida quanto aos próprios recursos internos, deixando as experiências de prazer confusamente percebidas, pois estão afetadas pela destrutividade. Dessa forma, destacamos a insuficiência dos cuidados como um obstáculo, o qual se colocará para as relações de prazer com o objeto primário e para a sua internalização, o que compreendemos ser ainda um obstáculo ao prazer autoerótico e à capacidade de restabelecer acalmia e confiança no objeto.

## **2.6 Autoerotismo e narcisismo nas perspectivas de Horsntein e Melanie Klein**

As figuras parentais negligentes ou incestuais, ao falharem no exercício dos cuidados que deveriam dar ancoragem ao prazer e ao amor, levam-nos a indagar a respeito de como serão vividas as excitações corporais por parte de seus filhos. A escuta clínica revela que o incesto fraterno pode ter seu início quando um dos irmãos se adentra na adolescência, lidando com os impulsos sexuais, por meio de uma atividade masturbatória compulsiva, com um precário controle sobre esta. A nosso ver, esse dado reporta à relação entre os cuidados parentais recebidos por esses sujeitos e a possibilidade de esses últimos encontrarem o apaziguamento de suas excitações, na constituição do autoerotismo.

O autoerotismo foi definido por Freud, em 1905, no trabalho “Três Ensaios sobre a teoria da sexualidade”, como sendo a pulsão sexual que encontra satisfação no próprio corpo. Para dar mais detalhes desse modo de satisfação, o autor descreveu a atividade autoerótica do bebê, de sugar o próprio dedo, precedida pela experiência de amamentação. Nesta, o bebê teria se familiarizado com o prazer da sucção, o qual se esforçaria por renovar, de modo independente da experiência alimentar. O prazer no próprio corpo viria a ser praticado de forma a substituir o objeto externo, renunciando o prazer masturbatório.

Em 1914, no texto “Sobre o narcisismo: uma introdução”, Freud procurou delimitar o autoerotismo<sup>34</sup>, em um momento da sexualidade infantil anterior à constituição do Eu. Esse investimento, caracterizado pelo comportamento anárquico das pulsões, buscaria satisfação em diferentes zonas erógenas. Quando o Eu começasse a se constituir, na inauguração do narcisismo primário – investimento libidinal na imagem unificada de si mesmo – as pulsões autoeróticas se reuniriam e investiriam nesse novo objeto: Leia-se:

Isso significa que o narcisismo que vem unificar o autoerotismo e lhe dar forma – momento, portanto, de instauração, mutação, que precipita o autoerotismo na forma narcísica – embora tido como primário, é preparado por um processo já complexo (Cromberg, 2000, p. 85).

Parece importante retomarmos a contextualização que Laplanche (1982) faz do desenvolvimento de Freud a respeito do autoerotismo. Assim, quando um bebê toma uma parte do próprio corpo como objeto da pulsão sexual e satisfaz-se de modo independente do objeto externo, há um investimento no objeto da fantasia, não se tratando, portanto, de um período anobjetal. Laplanche (1982) dirá que, quando a satisfação se separa da autoconservação, cria-se a sexualidade e sua relação com a fantasia. O caráter anárquico da satisfação das pulsões autoeróticas, que toma partes do corpo, isoladamente, para obtenção de prazer, denota que seu objeto é parcial, isto é, que está ausente apenas enquanto objeto total.

Segundo Hornstein (2009), o prazer autoerótico remete à perda do objeto da autoconservação e o início de uma relação com o objeto da fantasia, o que significa que o prazer no próprio corpo implica o registro desse objeto que deixou as marcas de seu investimento libidinal na criança. Nas palavras do autor:

O autoerotismo constitui a fantasia, fonte da pulsão sexual. Mas nesse fantasiar autoerótico se inscreve uma história presente nos pais. O autoerotismo é um estado secundário: substitui um vínculo por outro que satisfaça a necessidade (Hornstein, 2009, p.68).

O cuidador como constitutivo do corpo, da vida de fantasia e do amor narcísico, adquire centralidade na vida emocional. Ainda de acordo com Hornstein: “o outro está

---

<sup>34</sup>Comentando o texto de Freud, sobre o narcisismo, Laplanche (1982) dirá que a localização temporal feita pelo autor, de um período autoerótico anterior ao narcisismo não mais se sustentará, a partir do desenvolvimento da noção de narcisismo primário, em que o autoerotismo passará a ser considerado a atividade sexual do período narcísista.

sempre no horizonte. Tanto instituinte da sexualidade quanto propiciante das ligações simbolizantes” (Hornstein, 2009, p. 68). A mãe que investe libidinalmente no corpo da criança, imprimindo nele o prazer, marca-o também com a intersubjetividade (Hornstein, 2009). Como afirma o autor: “o corpo erógeno é corpo historiado e este condensa o valor libidinal projetado pelo outro primordial sobre o lugar da satisfação da necessidade” (Hornstein, 2009, p.68). As carícias, os cuidados, o segurar, que erogenizam o corpo do bebê, contêm também os desejos e significados para o adulto acerca daquele vínculo. Retomando a conceituação de Green (1999) sobre a função do objeto, Hornstein<sup>35</sup> (2009) dirá que o objeto estimula a sexualidade do bebê e, ao mesmo tempo, seus cuidados permitem um adiamento da descarga da excitação. Será possível aguardar pela satisfação, na medida em que há um objeto a se reinvestir na memória:

Isso é possível na medida em que o objeto o tenha ajudado a criar essa internalização que constituiu a “estrutura enquadrante” que advém como espaço da representação. O objeto põe em marcha a “função objetalizante”. A representação, para se estabelecer, tem necessidade do objeto (Hornstein, 2009, p.70).

O cuidado materno é ainda uma espécie de escudo protetor contra os estímulos excessivos. Seu olhar oferta uma imagem na qual o bebê pode se reconhecer. Por outro lado, a impossibilidade de capturar uma representação de si afeta a integridade narcísica do *infans*. A ausência de espelhamento e contenção, no início da vida, ativa a pulsão de morte, incapacitando o ego de fazer ligações e enfrentar as frustrações que venham do campo da realidade.

Em razão do papel essencial do cuidador na constituição do ego e do narcisismo – e do auxílio que se deve prestar ao bebê para lidar com o que chega do mundo externo e com o que o assola de dentro – entendemos que falhas essenciais podem ocorrer nesses primeiros intercâmbios. Tal processo irá dificultar o trilhamento de ligações e recursos para lidar com o mundo fantasmático, assim como com as demandas externas e

---

<sup>35</sup>O autor estava fazendo referência a uma entrevista dada por André Green a Fernando Urribarri, na qual Green expôs suas ideias a respeito da relação entre pulsão e o objeto. Em sua perspectiva, o objeto estimula a pulsão e, também, com os cuidados dispensados à criança, ajuda a representar as excitações e a tolerar os momentos de sua ausência. Mais a respeito desse assunto pode ser encontrado em: Green, André. A representação e o irrepresentável: rumo a uma metapsicologia da clínica contemporânea. Entrevista realizada por Fernando Urribarri. Buenos Aires, 1996. Revista *Percurso* 49/50. Ano XXV. Junho, 2013.

pulsionais. Segundo Hornstein (2009), o corpo da criança está marcado pelas projeções libidinais dos pais, que instituem nele a sexualidade:

Paradoxo materno: alivia a necessidade introduzindo a sexualidade aberta a qualquer tipo de simbolizações. As funções sexualizantes e narcisantes da mãe como premissas de partida dos sistemas psíquicos da criança colocam o narcisismo como segundo tempo da sexualidade humana, tempo aberto, por sua vez, sobre o Édipo e as instâncias ideais que dele derivam (S. Bleichmar, 1993, apud Hornstein, 2009, p. 68).

A sexualidade da criança remete àquela de seus cuidadores, às fantasias e traumatismos daqueles, aos significados que deram ao corpo do filho e ao contato com ele. O que circula nesse encontro pode ser importante para maior mobilidade ou fixidez da libido, isto é, para desprender-se desse objeto primeiro e viver uma separação que permitirá um deslocamento pulsional, ou, então, manter-se ligado a ele, impedindo-o de desenvolver funções simbolizantes. Devemos, portanto, nos aproximar da análise dos aspectos mais primitivos da relação com o outro, que obstaculizam a possibilidade de enfrentá-lo enquanto alteridade e o caminho para as diferenças sexuais e geracionais.

A precariedade dos investimentos parentais implicará falhas na constituição do corpo erógeno e do ego. É a partir dessa perspectiva que tentamos compreender o que se encontra em cena nas práticas incestuosas dos irmãos, classicamente designados pelo pensamento psicanalítico como substitutos dos pais.

Foi para a ligação da pulsão sexual autoerótica com o objeto da fantasia que Klein buscou chamar atenção, quando, no trabalho “As origens da transferência”, de 1952, afirmou que tanto o autoerotismo quanto o narcisismo seriam originários da relação do bebê com objetos amados, internalizados:

Reafirmei concisamente minha hipótese: o autoerotismo e o narcisismo incluem o amor pelo objeto bom internalizado e a relação com o mesmo, o qual, na fantasia, constitui parte do corpo e do *self* amados. É para esse objeto internalizado que, na gratificação autoerótica e nos estados narcísicos, ocorre uma retirada (Klein, 1952, p.74).

Nesse texto, a autora buscou esclarecer seu posicionamento a respeito das noções de autoerotismo e narcisismo, antes desenvolvidas por Freud, evidenciando os pontos de aproximação e divergência entre ambos. Em sua compreensão, existiria uma relação de objeto desde o nascimento, assim como nas satisfações autoeróticas e narcísicas. Ela ainda acreditava que, no pensamento freudiano, ocorria uma oscilação

nessa compreensão. Além disso, Klein imaginava possuir uma forma mais ampla de compreender o objeto, que não seria apenas alvo da pulsão, mas, com o qual existiria uma relação composta por fantasias, defesas e emoções.

A hipótese de que um estágio que se estende por vários meses precede as relações de objeto implica que, exceto para a libido ligada ao próprio corpo do bebê, os impulsos, fantasias, ansiedades e defesas ou não estão presentes no bebê ou não estão relacionados a um objeto, ou seja, eles operariam *in vacuo* (Klein, 1952, p.75).

Dessa maneira, foi categórica ao afirmar, a partir de sua clínica, que não há processo mental ou urgência pulsional que não esteja relacionada a um objeto. Hornstein (2009) dirá: “No pensamento psicanalítico atual tende-se a abandonar a perspectiva um tanto solipsista de Freud e a centrar a teoria no vínculo pulsão-objeto” (Hornstein, 2009. p. 71). Esse autor propõe ainda uma diferença no que diz respeito ao que havia teorizado Klein, ao considerar toda a fantasmagoria do objeto em relação à criança.

No texto “Sobre a observação do comportamento dos bebês”, de 1952, Klein percebeu que o autoerotismo poderia servir para o restabelecimento da segurança com os objetos. Ela cita a história de um bebê que, tendo sido deixado chorando e sozinho um período de tempo, não conseguia ser acalmado e alimentado, mesmo com muita insistência de sua mãe. A uma tentativa frustrada ao seio, seguiu, por um período, chupando os próprios dedos e sendo embalado pela mãe. Apenas assim, pôde se alimentar e dormir.

Klein interpretou a recusa à alimentação a uma transformação da mãe, na fantasia do bebê, em um objeto persecutório e mau, e à impossibilidade de se relacionar com o seio bom. A mudança na relação com o objeto motivou o refúgio narcísico, o qual, por sua vez, possibilitou recuperar a confiança na figura materna. Assim, vemos o interjogo que se coloca entre objetos internos e externos, e a relevância da ação dos objetos externos para que se possa tanto formar, quanto reencontrar o caminho do prazer, refazendo-se das angústias persecutórias.

Em “Amor, culpa e reparação” Klein (1937/1996), afirmou que a sexualidade de um bebê já se encontra presente desde os primórdios na relação com sua mãe, a partir das sensações experimentadas durante a sucção, que seriam, posteriormente, transferidas para o genital (Klein, 1937/1996). De acordo com a autora: “o apego inicial

da criança ao seio da mãe e ao seu leite forma os alicerces de todos os relacionamentos amorosos pelo resto da vida” (Klein, 1937/1996, p.366). A satisfação das necessidades de autoconservação e dos desejos sexuais no seio da mãe tornam esse objeto símbolo de “amor, prazer e segurança” (Klein, 1937/1996, p. 366).

Sendo assim, não parece ser possível desvincular as experiências autoeróticas e narcísicas daquelas que foram vividas nas primeiras relações objetais. Segundo Jeammet & Corcos:

Pode-se assim considerar que o traço do objeto é inscrito na qualidade do funcionamento autoerótico e que este não é concernente apenas às zonas erógenas (a boca, o ânus, os órgãos genitais) mesmo que pelo fato de serem pontos de passagem obrigatórios entre o dentro e o fora, elas sejam lugares de trocas privilegiadas e centrais nas experiências de prazer/desprazer. É o conjunto do funcionamento do bebê, psicomotor, mas também fisiológico que pode, em graus diversos, ser visto sob o ângulo da implantação de uma forma de prazer trazida pela natureza da relação com o objeto investido (aqui, a mãe ou a pessoa que desempenha esse papel) que confere por sua vez uma qualidade particular a esse funcionamento. Qualidade cuja escala pode se dispor desde o grau de um prazer silencioso até uma erotização mais ou menos ruidosa (Jeammet & Corcos, 2005, pp. 59-60).

Buscando sintetizar o que compreendemos até então, vimos que as trocas libidinais com uma criança permitem dar contornos ao seu corpo e à sua imagem. Na medida em que o cuidador não invade ou abandona, a memória dos seus toques, olhares, sorrisos e palavras permite à criança reencontrá-lo nos momentos de sua ausência, e, assim, o prazer autoerótico pode cumprir a função de apaziguamento das excitações. Mas, enquanto isso não é possível, em funções de cuidados negligentes ou incestuais, não existiria a necessidade de um objeto externo que pudesse prover aquilo que não foi encontrado internamente? Esse objeto não poderia ser um irmão?

**A autora não disponibilizou os capítulos 3 e 4 (Páginas 82 a 142).**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa de doutorado visou à compreensão do incesto fraterno na infância e na adolescência, em um contexto de cuidados negligentes, violentos e incestuais, buscando esclarecer a existência de uma possível relação entre os investimentos ofertados pelas figuras parentais e a atividade incestuosa entre irmãos. Conforme vimos em nossa experiência clínica e em outras investigações sobre o tema, a negligência envolve distanciamento afetivo e baixa capacidade por parte dos pais em reconhecerem as demandas psíquicas e emocionais dos seus filhos. Tal fato pode ser acompanhado pela violência ou ainda, como vimos, por um funcionamento “incestogênico”, sendo este caracterizado por trocas afetivas erotizadas, as quais levam ao esmaecimento dos limites psíquicos e corporais entre as crianças e os pais.

Trabalhamos com o argumento de que esses cuidados, do modo como aconteceram, funcionaram como empecilhos para a internalização das boas experiências com os objetos primários, as quais deveriam ter constituído, narcísica e libidinalmente, o sujeito, além de converter-se em fonte de auxílio para lidar com as demandas pulsionais e as exigências da realidade. O que decorre disso é que o que está em jogo nas interações fraternas incestuosas são as carências psíquicas datadas da relação narcísica com os objetos primários.

Para essa investigação, trilhamos um percurso teórico a partir da perspectiva das relações objetais, escolhendo autores que teriam feito contribuições no campo de estudo do incesto fraterno, e que contemplaram a interação entre o modo como circulam os investimentos pulsionais das crianças e adolescentes e as internalizações das experiências com as figuras parentais.

Seguindo o caminho metodológico já trilhado desde o início da construção do pensamento psicanalítico, o percurso teórico tentou responder aos desafios impostos pela experiência clínica, e, para isso, sabíamos ser necessário que nos deixássemos guiar pela escuta e pelos caminhos inusitados que ela poderia conduzir. Desse trilhamento fez parte também a interpretação da história e das movimentações psíquicas dos pacientes, o que tornaria a pesquisa instigante, viva, mas extremamente desafiadora.

Buscando pensar nos alcances do percurso que fizemos e naquilo que ficou ainda por investigar, retomaremos pontos que consideramos fundamentais, a partir dos teóricos que estudamos, e das perguntas que nos moveram. Não seguiremos aqui

exatamente a cronologia dos capítulos, e sim tentaremos fazer um esforço organizativo do que, nesse material, possibilitou-nos extrair algumas conclusões.

Assim, logo que começamos a escutar os casos clínicos, a primeira pergunta que fizemos foi: o que teria havido na história daquelas crianças e adolescentes para que elas realizassem o incesto? Sabemos, desde Freud, que os desejos incestuosos fazem parte dos processos constitutivos dos sujeitos, e que sua renúncia se dá em meio às elaborações da criança a respeito dos enigmas da sexualidade e das interdições que se operam a partir dos pais. Mas esse conhecimento não nos ajudou a ir adiante para pensarmos o incesto fraterno no contexto de cuidados que propomos. A abordagem demasiadamente voltada para a valorização do genital masculino e o temor de perdê-lo como fatores decisivos para a renúncia ao amor incestuoso, não parecia corresponder àquilo que entendíamos ser comunicado pelos nossos pacientes.

Teóricos como Klein (1952) e Hornstein (2009) ajudaram a pensar a relação estreita entre a sexualidade da criança e os investimentos parentais que a constituem. Vimos, com Hornstein (2009), que a renúncia ao incesto depende desses intercâmbios ou, como teria dito Klein, de que eles tenham sido internalizados como fonte de segurança, amor e apaziguamento. Para Hornstein (2009), o que circula nesse encontro da criança com seu cuidador é o que tornará possível desprender-se desse objeto. Assim, a análise do incesto e de sua renúncia nos colocou em contato com uma dimensão mais primitiva, qual seja, aquela da relação da criança com o objeto primário.

Essa ideia foi se tornando ainda mais clara, ao entrarmos em contato com as ideias de Kaës (2011) e Jaitin (2010), que nos permitiram pensar nas especificidades do incesto fraterno, envolvendo fantasias de completude, fusão e indiferenciação com o irmão/irmã e que, em última instância, revelariam uma tentativa de evitar a separação da figura materna das diferenças sexuais e geracionais.

Mas por que não seria possível realizar essa separação? Esses autores já haviam afirmado que a incestualidade seria um obstáculo a ela, pois esmaeceria as fronteiras entre criança e o objeto primário. Jaitin afirmou que essa separação não se efetuaria em razão de a figura materna não ter dado espaço à representação de sua ausência, posicionamento do qual discordamos, principalmente quando pensamos o incesto sob a ótica da negligência e da violência. Acreditamos, segundo a escuta clínica, que o que predomina nesses vínculos incestuosos é justamente a representação da ausência do objeto materno enquanto figura que privou a criança de investimentos narcísicos e libidinais. Nesse sentido, a nosso ver, o que parece prevalecer é a ausência de

investimentos que possam apaziguar as excitações, dar contenção e segurança interna. O que parece falhar, portanto, é a presença de um reservatório de prazer e gratificação constituído por bons objetos. No lugar do objeto que investe narcísica e libidinalmente na criança, habitam os objetos maus.

O que concluímos, a partir da história específica do caso José/Maria, é que o objeto materno seria, predominantemente, representado como privador e frustrador (por sua negligência e violência), permanecendo no psiquismo sob a forma de ataques internos e da elevação da pulsão de morte, como exemplificam o sadismo de José e os “surtos” de Maria. Nesse sentido, concordamos com Pellegrino (1987), haja vista o fato de ele afirmar que a manutenção de um vínculo incestuoso se explica pelo aprisionamento a um objeto mau, exemplificado pelo autor pelas experiências de abandono e rejeição, na relação oral com a mãe.

Vimos que os componentes orais-sádicos parecem invadir a relação entre as crianças, indicando a intensidade das vivências pré-genitais no incesto, e revelando a conexão entre a sexualidade e as experiências de privação em um nível arcaico. Nesse sentido, pareceu-nos significativa a proposta de Kaës de que o incesto fraterno seria regido pelas fantasias, afetos e desejos do complexo fraterno arcaico. Dessa forma, pensar esse incesto requer levar em consideração um vínculo com o outro revestido pelas pulsões e por fantasias inconscientes onipotentes, características de um funcionamento primitivo. No entanto, como dizia Klein, esses aspectos fantasiosos e pulsionais serão amenizados ou reforçados a partir da relação da criança com seus objetos reais.

Além disso, essa autora – conforme evidenciado em seus trabalhos sobre os estágios iniciais do complexo de Édipo –ajudou-nos a considerar plausível que a atividade sexual com o irmão/irmã possa até ser fonte de bons objetos, principalmente quando esses não puderam ser internalizados na relação com os pais. A nosso ver, isso se associa ao fato de o irmão escolhido como objeto de investimento sexual ser aquele que recebeu investimento libidinal das figuras parentais, enquanto o outro não. Tal episódio parece responder afirmativamente à questão colocada na introdução, qual seja, a de que o incesto fraterno pode corresponder às fantasias que uma criança negligenciada constrói sobre as fontes de gratificação que não encontrou disponíveis no objeto parental, e imagina que, talvez, um outro irmão possa ter encontrado. Nesses casos, no entanto, o que pode ser um elemento complicador é que nem sempre são

apenas fantasias. Os irmãos escolhidos têm realmente alguns privilégios com o objeto materno.

Vimos, assim, como o fato de um irmão escolhido para essa atividade sexual ser também o portador de uma gratificação (da qual o outro se sente privado) é um estímulo para o sentimento invejoso, o que faz com que o intento envolvido no incesto (o de possuir bons objetos), seja fracassado. O que queremos dizer é que a inveja e a destrutividade que compõem o ato incestuoso não deixam que a aquisição de bons objetos seja estável, levando, dessa forma, a uma retroalimentação da destrutividade.

Tentaremos nesse momento extrair algumas particularidades do incesto em um contexto mais hostil, daquele em que parece ter existido mais componentes libidinais na relação com os cuidadores e, ainda, a presença de cuidados incestuais. Como afirmamos acima, as crianças que haviam sido alvo de componentes mais agressivos, por parte do seu cuidador principal, revelavam a sexualidade com o irmão sob o predomínio do sadismo oral, da inveja e da destrutividade, em meio a um fracasso na conquista de objetos internos que pudessem servir de fonte de apaziguamento e segurança – afirmações inspiradas no caso de José e Maria.

Por outro lado, quando encontramos a incestualidade no contexto de cuidado das crianças, vimos que o incesto não se realiza, necessariamente, sob o domínio de uma hostilidade manifesta. Isso nos convocou a pensar mais especificamente nos investimentos narcísicos que parecem ter falhado em dar a sensação de limites corporais e contenção das excitações, sugerindo que no incesto, como propôs Kaës, há um prolongamento da relação com uma mãe que excita, ou, como interpretamos, um acesso aos cuidados e investimentos narcísicos e libidinais destinados a um irmão, visando a um estado de acalmia interna. Dessa forma, ser tocado pelo irmão pode equivaler, imaginariamente, ao contato com os objetos bons que podem dar contorno aos limites corporais e contenção às excitações. Acreditamos que possam existir, também nesse contexto, elementos destrutivos relacionados à inveja daquele que possui uma fonte de gratificação do qual o outro é privado. Fantasias de ataque à fonte de gratificação podem, inclusive, minar as chances de encontrar o apaziguamento ansiado.

A interferência dos cuidados parentais (incestuais e negligentes) sobre a constituição narcísica e libidinal das crianças pode se tornar ainda mais evidente com as tarefas psíquicas exigidas com a chegada da puberdade e a adolescência, períodos em que se atualizam as trocas vividas com as figuras parentais na primeira infância e a sua internalização (Jeammet & Corcos, 2005). Nessa via, o efeito desorganizador dos

impulsos sexuais sob uma base interna frágil, junto também a outras experiências de caráter sexual (como ter sido exposto ao contato com filmes pornográficos), colaboram para o movimento em direção à figura do irmão.

Por sua vez, as crianças que foram objeto de seus irmãos podem manifestar efeitos distintos dessa experiência, podendo, por exemplo, possuir um sentimento de culpa e a sensação de ter danificado a relação com a mãe, possuindo dúvidas a respeito da capacidade de repará-la (conclusões extraídas a partir da análise de Pedro). Podem existir, ainda, fantasias de cuidado “reparadoras” em direção ao irmão, enquanto proposta ilusória de ofertar-lhe os objetos bons que lhe faltaram. Perguntamos se seria essa reparação mágica, uma forma de “dominar” a atividade sádica e incestuosa.

As histórias a que tivemos acesso nos fizeram pensar que a atividade incestuosa, em um contexto de desamparo pelo objeto que negligenciou, pode produzir defesas que vão na direção de evitar o contato com essa condição inicial, visando, assim, estabelecer uma economia narcísica. É o caso da negação onipotente da negligência e da importância e valor dos objetos (como vimos em João). Essa desvalorização do objeto pode existir junto a um alto nível de investimento em ações que promovam a ilusão de um engrandecimento do próprio ego, podendo, ainda, acompanhar-se da negação dos efeitos daquela atividade sexual sobre o irmão mais novo, como uma espécie de triunfo sobre ele. Por outro lado, na atividade incestuosa em que há o predomínio de componentes destrutivos (como vimos na história de José e Maria), pensamos na destrutividade como forma de uma ilusão de potência diante do desamparo com as figuras parentais, levando também ao estabelecimento de certa economia narcísica.

Na trilha interpretativa de Klein, concordamos que mecanismos projetivos e introjetivos estão presentes nessas relações, com os mecanismos da identificação projetiva e da identificação com o agressor. Se consideramos que há uma busca pela internalização de bons objetos nas relações incestuosas, também compreendemos que os componentes mais destrutivos do psiquismo são projetados como meio de livrar-se deles. Além disso, a destrutividade projetada sobre o irmão/irmã pode corresponder à introjeção do cuidado negligente e violento. Livrar-se dele – via projeção – pode ser um meio de tentar afastar-se de sua ameaça.

Essas crianças que agem de modo sádico com outra parecem, portanto, revelar a identificação com as figuras parentais sádicas. O que não conseguimos identificar era o quanto essa identificação continha – como nos casos de Klein – uma interação com as fantasias dos pais combinados. Em relação a essas últimas, perguntamos se não haveria

impacto sobre as fantasias edípicas de um irmão negligenciado saber que sua irmã mais nova tinha a permissão de partilhar da cama do casal. Por outro lado, interrogamos se a criança que estava naquela cama não estava também sendo estimulada em suas fantasias edípicas, o que daria uma potência excitativa ao incesto com o irmão mais velho. Apesar de sabermos da importância desses elementos reais sobre as fantasias, que poderiam estar presentes também na relação incestuosa, não tivemos dados suficientes para avançarmos nessa análise.

Além de ressaltar os aspectos destrutivos ligados ao incesto fraterno, Klein reconheceu que essa experiência pode ganhar conotações positivas, se nela houver o domínio dos elementos libidinais. A seu ver, a relação incestuosa com um irmão pode ser fonte de proteção, na ausência de boas imagens parentais, ajudando a desenvolver a capacidade de amar. Ademais, as relações sexuais entre as crianças também teriam um caráter reparatório, aplacando a angústia de castração, o sentimento de culpa pelas fantasias destrutivas dirigidas aos pais e ajudando na elaboração das relações edípicas. O aspecto dado a essa relação, reparatório ou destrutivo, afeta a vivência de prazer e as fantasias relacionadas à potência e à fertilidade que farão parte da vida sexual quando a adultez chegar. Em nossa prática, não conseguimos reconhecer se essas experiências incestuosas podem ter produzido algum efeito positivo, ao contrário disso, elas mais pareciam revelar aspectos não assimilados das relações com os objetos parentais.

Ficamos sabendo, por meio do relato das crianças que acompanhamos, das dificuldades por parte das figuras parentais em conter seus próprios medos e excitação, de suas respostas agressivas denotando, assim, seus excessos sádicos incontidos. Esse modo de exercer o cuidado nos permite lembrar da descrição do cuidado perverso, conforme descreve Figueiredo (2012), e que resulta em uma fixação no objeto que maltrata ou controla a criança, que fica em uma posição passiva, à mercê da satisfação das figuras parentais. A respeito desse último aspecto, talvez possamos também pensar no incesto entre os irmãos/irmãs como uma tentativa de satisfazer necessidades psíquicas, passando da passividade à atividade, invertendo a posição inicial, à semelhança do que acontece no jogo do *Fort da*, e que, em última instância, corresponderia à necessidade de tratar simbolicamente as questões relativas aos investimentos que se operaram nas relações do sujeito com seus objetos. Esse jogo, mencionado por Freud em “Além do princípio do prazer” (1920), a partir da observação de seu netinho Ernst, com dezoito meses de idade à época, consistia em lançar para

longe e puxar de volta um carretel, durante os períodos em que a criança tinha que lidar com a ausência de sua mãe. Quando a criança jogava o carretel para longe, pronunciava um som de “oooó”, que, no alemão, representava a palavra “*fort*”, cujo significado era “ir embora”. Ao puxar de volta o carretel, o menino pronunciava “*da*”, significando “ali”. Interpretando a brincadeira daquela criança, Freud concluiu que se tratava de uma tentativa de dominar uma experiência aflitiva, qual seja, a ausência materna, reproduzindo, de modo ativo e simbólico, o desaparecimento e o retorno daquele objeto.

Concordamos que faltam, nos casos de incesto fraterno, exatamente, a área do jogo, de transição (Jaitin, 2010), a construção de uma narrativa sobre o corpo, as excitações excessivas produzidas pelo objeto, as trocas erotizadas, a negligência e os maus-tratos. Esses excessos que chegam do objeto carecem de uma lógica narrativa e de um encadeamento pelos processos secundários do sujeito.

Assim, a negligência ou, até mesmo, uma excitação invasiva, parecem impedidas de pertencer a uma cadeia historicizante do sujeito, pois implicam em lidar com a dureza da ausência de contenção do objeto primário e a solidão que se pode encontrar no próprio mundo interno. Com isso, queremos dizer que a negligência – representada como um objeto mau, usando a terminologia kleiniana – pode incrementar os processos de clivagem e a necessidade de objetos idealizados, colaborando para a perturbação na possibilidade de pensar o próprio abandono.

Klein acreditava que o cessar dessa atividade sexual, em função do sadismo dirigido às figuras parentais na vivência edipiana arcaica, envolveria a análise do sentimento inconsciente de culpa daquelas crianças. Ao nosso ver, esse cenário pede que a análise se atenha às bases internas frágeis e à conquista de um espaço transicional que possa conter e ligar simbolicamente os impulsos que buscam encontrar um objeto bom que possa ser investido e constituir-se como fonte de vida, amor e segurança para a criança.

Klein (1932) abriu uma discussão a respeito da ineficácia das medidas proibitivas ou a imposição de vigilância sobre as crianças para coibir a atividade incestuosa, uma vez que, mesmo com a adoção de tais medidas, não seria possível evitar que essas relações acontecessem. Nesse ponto, estamos em pleno acordo, pois as relações fraternas incestuosas não surgem da falta de vigilância por parte dos adultos. O que vimos e concordamos, a partir das contribuições de Pellegrino, é que uma trama incestuosa é tecida desde o vínculo inicial com a mãe, e a renúncia à manutenção dessa trama, depende de os elementos amorosos terem predominado naquela relação em

relação aos destrutivos. Essa questão, pois, nos conduz a outra: a incestualidade, mesmo com seus excessos, teria criado uma possibilidade maior de predomínio dos elementos libidinais em relação aos destrutivos? Teria sido possível preservar, em alguma medida, a esperança de o sujeito de gratificar-se com um bom objeto? Ainda não temos resposta para isso. Mas, bem sabemos, o quanto esse campo de pesquisa ainda precisa e merece ser explorado, uma vez que, à medida que aumentar o número de casos analisados e de publicações nessa área, maiores serão as possibilidades de eficácia dos esforços terapêuticos com esses pacientes e suas famílias. Não tivemos a pretensão de produzir generalizações, ao contrário disso, um dos grandes desafios que nos acompanhou, lado a lado, com tal arroubo, foi a premissa de respeitar a singularidade e a diversidade em cada trama psíquica que acompanhamos.

## REFERÊNCIAS

Alves, Alice Gonçala Ferreira de Azevedo. *Incesto Fraterno: Uma relação silenciosa de violência e cumplicidade*. Trabalho de Conclusão de Curso em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005, 116 f.

Beauvoir, Simone. *As Estruturas Elementares do Parentesco de Claude Lévi-Strauss* (1949). Tradução: Marcos P. D. Lanna (UFSCar) e Aline Fonseca Iubel (PPGAS/UFPR). Páginas: 183-189 In: <http://revistas.ufpr.br/campos/article/viewFile/9547/6621> Texto original: Simone de Beauvoir. 1949. “Les Structures Élémentaires de la Parenté, par Claude Lévi-Strauss”. *Les Temps Modernes* 7(49): 943-9 (October).

Birman, Joel. A direção da pesquisa psicanalítica. Páginas: 13-27 In: *Pensamento Freudiano III. Psicanálise, Ciência e Cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

Caffaro, John. *Treating Adult Survivors of Sibling Sexual Abuse: a Relational Strengths-Based Approach*”. *Journal of Family Violence*. Published online 30 september 2016. *J FamViol* DOI 10.1007/s10896-016-9877-0

Cintra, Elisa Maria Ulhoa; FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *Melanie Klein: estilo e pensamento*. São Paulo: Escuta, 2010.

Cintra, Elisa Maria Ulhoa; FIGUEIREDO, Luís Cláudio. *Melanie Klein*. 2ª ed. São Paulo: Publifolha, 2010. (Folha Explica, v. 76).

Cromberg, Renata Udler. *Cena incestuosa: abuso e violência sexual*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. (Coleção Clínica Psicanalítica/dirigida por Flávio Carvalho Ferraz).

Etchegoyen, Horácio, R.; MINUCHIN, Luis Mario. *Melanie Klein: Seminarios de introducción a su obra*. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Biebel, 2014.

Dal Molin, Eugênio Canesin. *O terceiro tempo do trauma: Freud, Ferenczi e o desenho de um conceito*. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2016.

Faiman, Carla Júlia Segre. *Abuso sexual em família: a violência do incesto à luz da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. (Coleção Psicologia Jurídica).

Ferenczi, Sandor (1873-1933). *Confusão de língua entre os adultos e a criança (1933)*. Páginas: 111- 121 In: *Obras Completas*, v 4. Tradução: Álvares Cabral, 2ª Edição, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

\_\_\_\_\_. *Análises de crianças com adultos (1931)*. Páginas: 79-95 In: *Obras Completas*, v 4. Tradução: Álvares Cabral, 2ª Edição, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

Figueiredo, Luís Claudio, & Minerbo, Marion. (2006). Pesquisa em psicanálise: algumas ideias e um exemplo. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 257-278. Recuperado em 17 de julho de 2018, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100017&lng=pt&tlng=pt).

Figueiredo, Luís Cláudio. *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2008.

\_\_\_\_\_. “A metapsicologia do cuidado”. Páginas-131-151 In: *As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2012.

França, Cassandra Pereira. “Os desenhos freudianos da sexualidade feminina”. Páginas 47- 89. In: *Disfunções sexuais*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005 (Coleção Clínica Psicanalítica/dirigida por Flávio Carvalho Ferraz).

França, Cassandra Pereira (Org.). *Perversão: variações clínicas em torno de uma nota só*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

\_\_\_\_\_. *Perversão: as engrenagens da violência sexual infanto-juvenil*. Rio de Janeiro: Imago, 2010.

\_\_\_\_\_. *Tramas da Perversão Sexual: a violência sexual intrafamiliar*. São Paulo: Escuta, 2014.

Freud, Sigmund. Carta 69 (1897) Páginas 309-311. In: *Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos* (1886-99). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, vol. I).

\_\_\_\_\_. Carta 70 (1897). Páginas: 311- 314 In: *Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos* (1886-99). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, vol. I).

\_\_\_\_\_. Carta 71 (1897). Páginas: 314-317 In: *Publicações Pré-Psicanalíticas e Esboços Inéditos* (1886-99). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, vol. I).

\_\_\_\_\_. *A sexualidade infantil*. Páginas: 163-231 In: *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, vol. VII).

\_\_\_\_\_. *Sobre as teorias Sexuais das Crianças* (1908). Páginas: 189-204 Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, vol. IX).

\_\_\_\_\_. *Romances familiares* (1909/1908). Páginas: 217-222 Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, vol. IX).

\_\_\_\_\_. *Análise de uma fobia de um menino de cinco anos* (1909). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, vol. X).

\_\_\_\_\_. *Leonardo Da Vinci e uma Lembrança de sua infância* (1910). Páginas: 67-141 Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, vol XI).

\_\_\_\_\_. *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise* (1912). Páginas: 123-133 (Edição Standard Brasileira, vol. XII).

\_\_\_\_\_. *Totem e tabu* (1912). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, vol. XIII).

\_\_\_\_\_. *À guisa de Introdução ao Narcisismo* (1914). Páginas: 95-131 Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente, Rio de Janeiro: Imago, 2014. (Obras Psicológicas de Sigmund Freud).

\_\_\_\_\_. Conferência XXI: o desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. Páginas: 325-342 In: *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise* (1916-1917 [1915-1017]). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, vol. XVI).

\_\_\_\_\_. *História de uma neurose infantil* (1918 [1914]). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, vol. XVII).

\_\_\_\_\_. *O estranho* (1919). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, vol. XVII).

\_\_\_\_\_. *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego* (1921). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, vol. XVIII).

\_\_\_\_\_. *Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo* (1922). Páginas: 235-247 Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, vol. XVIII).

\_\_\_\_\_. *O ego e o id* (1923). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, vol. XIX).

\_\_\_\_\_. *A Organização Genital Infantil: Uma Interpolação na Teoria da Sexualidade*. (1923). Páginas: 155-161 Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, vol. XIX).

\_\_\_\_\_. *A dissolução do Complexo de Édipo* (1924). Páginas: 191-199 Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, vol. XIX).

\_\_\_\_\_. *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925). Páginas: 273-286 Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, vol. XIX).

\_\_\_\_\_. *O mal-estar na civilização* (1930/1929). Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, vol. XXI).

\_\_\_\_\_. *Sexualidade Feminina* (1931). Páginas: 231-251 Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira, vol. XXI).

Furniss, Tilman. *Abuso Sexual da Criança: Uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

Garcia-Roza, Luiz Alfredo. Pesquisa de tipo teórico. Páginas: 9-32 In: *Atas do primeiro encontro de pesquisa acadêmica em psicanálise. Psicanálise e Universidade*. Nº 1. Fev. 1994.

Green, André. A representação e o irrepresentável: rumo a uma metapsicologia da clínica contemporânea. Entrevista realizada por Fernando Urribarri. Buenos Aires, 1996. *Revista Percurso* 49/50. Ano XXV. Junho, 2013. Acesso: [http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apg=artigo\\_view&ida=1019&ori=edicao&id\\_edicao=49#topo](http://revistapercurso.uol.com.br/index.php?apg=artigo_view&ida=1019&ori=edicao&id_edicao=49#topo)

Hoebel, E. Adamson; FROST, Everett L. *Antropologia Cultural e Social*. São Paulo: Cultrix, 2006.

Hornstein, Luis. *Narcisismo, autoestima, identidade, alteridade*. Tradução de Rebeca Faria. São Paulo: Via Lettera: Centro de Estudos Psicanalíticos, 2009.

Jaitin, Rosa. *Clínica del incesto fraternal*. 1ª ed. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2010.

Jaroslavsky, Ezequiel A. *Incestual* - Jean Claude Racamier. Psicoanálisis&Intersubjetividad: Incestual - Jean Claude Racamier. Psicoanálisis e Intersubjetividad Nº 5 Fecha de edición: 25 de noviembre de 2010 Editor Responsable Dr. Ezequiel Alberto Jaroslavsky. 17/07/2018 Link: <http://www.psicoanalisisintersubjetividad.com/website/articulop.asp?id=234&idioma=&idd=5>

Jeammet, Philippe; Corcos, Maurice. *Novas problemáticas da adolescência: evolução e manejo da dependência*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

Kaës, René. *O complexo fraterno*. Tradução: Lúcia Mathilde Endlich Orth. Aparecida, São Paulo: Ideias & Letras, 2011 (Coleção psi-atualidades).

Kancyper, Luis. *El complejo fraterno: estudio psicoanalítico* – 1ª ed. – Buenos Aires: Lumen, 2004.

Kehl, Maria Rita. Existe a função fraterna? Páginas: 31-47 In: Kehl Maria Rita (Org.). *Função Fraterna*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

Klein, Melanie. A técnica da análise na puberdade (1932). Páginas: 119-138 In: *Psicanálise da Criança* (1932). Tradução Pola Civelli. São Paulo: Ed, Mestre Jou, 1975.

\_\_\_\_\_. As atividades sexuais da criança (1932) Páginas: 159-170 In: *Psicanálise da Criança* (1932). Tradução Pola Civelli. São Paulo: Ed, Mestre Jou, 1975.

\_\_\_\_\_. Fundamentos Psicológicos da Análise Infantil (1932). Páginas: 25-39 In: *Psicanálise da Criança* (1932). Tradução Pola Civelli. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1975.

\_\_\_\_\_. Neurose obsessiva numa menina de seis anos (1932). Páginas: 139-158 In: *Psicanálise da Criança* (1932). Tradução Pola Civelli. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1975.

\_\_\_\_\_. Primeiros estádios do conflito edípico e da formação do superego (1932). Páginas: 173- 202 In: *Psicanálise da Criança* (1932). Tradução Pola Civelli. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1975.

\_\_\_\_\_. Os efeitos das primeiras situações de angústia sobre o desenvolvimento sexual da menina (1932). Páginas: 259- 311 In: *Psicanálise da Criança* (1932). Tradução Pola Civelli. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1975.

\_\_\_\_\_. Os efeitos das primeiras situações de angústia sobre o desenvolvimento sexual do menino (1932). Páginas: 311-357 In: *Psicanálise da Criança* (1932). Tradução Pola Civelli. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1975.

\_\_\_\_\_. Tendências criminosas em crianças normais (1927). Páginas: 197-213 In: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (1921-1945). Tradução: André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1996. (Obras Completas de Melanie Klein; v. I).

\_\_\_\_\_. Estágios iniciais do conflito edipiano (1928). Páginas: 214-227 In: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (1921-1945). Tradução: André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996. (Obras Completas de Melanie Klein; v. I).

\_\_\_\_\_. Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos (1935) Páginas: 301- 329 In: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (1921-1945). Tradução: André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996. (Obras Completas de Melanie Klein; v. I).

\_\_\_\_\_. Amor, culpa e reparação (1937). Páginas: 346-384 In: *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos* (1921-1945). Tradução: André Cardoso. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996. (Obras Completas de Melanie Klein; v. I).

\_\_\_\_\_. Notas sobre alguns mecanismos esquizoides (1946). Páginas: 17-43 In: *Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos* (1946-1963). Tradução: Ellias Mallet da Rocha, Liana Pinto Chaves (coordenadores) e colaboradores. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

\_\_\_\_\_. Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê (1952). Páginas: 85-118 In: *Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos* (1946-1963). Tradução: Ellias Mallet da Rocha, Liana Pinto Chaves (coordenadores) e colaboradores. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

\_\_\_\_\_. Sobre a observação do comportamento de bebês (1952). Páginas: 119-148 In: *Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos* (1946-1963). Tradução: Ellias Mallet da Rocha, Liana Pinto Chaves (coordenadores) e colaboradores. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

\_\_\_\_\_. Sobre a identificação (1955). Páginas: 170-204 In: *Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos* (1946-1963). Tradução: Ellias Mallet da Rocha, Liana Pinto Chaves (coordenadores) e colaboradores. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

\_\_\_\_\_. Inveja e Gratidão (1957). Páginas: 205- 279 In: *Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos* (1946-1963). Tradução: Ellias Mallet da Rocha, Liana Pinto Chaves (coordenadores) e colaboradores. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

Landolfi, Paulina. *La culpa fraterna: la influencia del destino de los hermanos en el desarrollo del individuo*. 1 ed. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2012.

Laplanche, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

Laplanche, Jean. (1988). *Problemáticas II: castração – simbolizações*. São Paulo: Martins Fontes, pp. 50-67.

\_\_\_\_\_. Castração e Édipo como códigos e esquemas narrativos. Páginas: 280-287 In: *Sexual: A sexualidade ampliada no sentido freudiano* (2000-2006) /Jean Laplanche. Porto Alegre: Dublinense, 2015.

Lévi-Strauss, Claude. O Problema do Incesto (1908). Páginas: 50-63 In: *As Estruturas Elementares do Parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.

Macedo, Mônica Medeiros Kother; GOBBI, Adriana Silverira (et al.) 2ed. *Adolescência e Psicanálise: intersecções possíveis*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

Mandelbaum, Belinda. *Famílias Incestuais*. **Psicol. clín.**, Rio de Janeiro , v. 24, n. 2, p.55-66, Dec. 2012.

Available from <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652012000200005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652012000200005&lng=en&nrm=iso)>. Access on 09 Jan. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652012000200005>.

Mata, Natália Teixeira; Silveira, Liane Maria Braga da; Deslandes, Suely Ferreira. Família e negligência: uma análise do conceito de negligência na infância. *Revista: Ciência & Saúde Coletiva*, 22(9): 2881-2888, 2017 In: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v22n9/1413-8123-csc-22-09-2881.pdf> Acesso em: 17 de julho de 2018.

Meltzer, Donald. *Identificação Adesiva* (1975). In: *Jornal de Psicanálise*, 1986. Ano: 19, nº 38. Págs. 40-52. Tradução de Dayse Maia Bracco.

Mezan, Renato. (2006). Pesquisa em psicanálise: algumas reflexões. *Jornal de Psicanálise*, 39(70), 227-241. Recuperado em 18 de julho de 2018, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352006000100015&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352006000100015&lng=pt&tlng=pt).

\_\_\_\_\_. *A Vingança da Esfinge: ensaios de psicanálise*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

Miguel, Nora Beatriz Susmansky. *Complexo de Édipo: Novas Psicopatologia, Novas Mulheres, Novos Homens*. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. (Coleção Clínica Psicanalítica/dirigida por Flávio Carvalho Ferraz).

Mijolla, Alain de. *Dicionário Internacional de Psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2005.

Namba, Janaína. A proibição do incesto em Lévi-Strauss e Freud: algumas aproximações. *Rev. antropol.* (São Paulo, Online) | v. 61 n. 1: 176-190 | USP, 2018

Pasian, Mara Silvia, Faleiros, Juliana Martins, Bazon, Marina Rezende, & Lacharité, Carl. (2013). Negligência infantil: a modalidade mais recorrente de maus-tratos. *Pensando famílias*, 17(2), 61-70. Recuperado em 17 de julho de 2018, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2013000200005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2013000200005&lng=pt&tlng=pt).

Pellegrino, H. *Édipo e Paixão* (1987). In: Os Sentidos da Paixão. CARDOSO, Sérgio (et al). São Paulo: Companhia das Letras, p. 307-327.

Petot, Jean- Michel. *Melanie Klein I: Primeiras descobertas e primeiro sistema -1919-1932*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1979.

Petot, Jean- Michel. *Melanie Klein II: O ego e o bom objeto -1932-1960*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1992.

Pinto, Manuel da Costa (Org.) *Livro de Ouro da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007. (Livro de ouro).

Ragonesi, Santiago. *Celos, Culpa y Trauma*. Buenos Aires: Letra Viva, 2016.

Roudinesco, Elisabeth (1944). *Em defesa da Psicanálise: ensaios e entrevistas*. Elisabeth Roudinesco; textos reunidos, apresentação e revisão Marco Antônio Coutinho Jorge. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

Razon, Laure. *Enigma do incesto: da fantasia à realidade*. Tradução: Procópio Abreu. Revisão: Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2007.

Santos, Cynthia Viviane Machado dos. *Vínculos Familiares e construção do sujeito: aportes teóricos para a compreensão de uma experiência em entidade de abrigo*. Dissertação de Mestrado da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Programa de Pós-graduação em Cognição e Linguagem. Linha de Pesquisa: Filosofia da Mente e Processos Cognitivos. Orientador: Gilberto Lourenço Gomes. Campos dos Goitacazes, novembro de 2008.

Santos, Cynthia Viviane Machado dos; GOMES, Gilberto. *Novas Abordagens Sobre o Tabu do Incesto: Resenha de Livro*. In: Revista Científica Internacional. ISSN: 1679 - 9844. Edição 24, vol. 1, artigo nº 7, janeiro/março, 2013.

Segal, Hanna. *Introdução à obra de Melanie Klein*. Coleção Psicologia Psicanalítica. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1975.

Sigal, Ana Maria. *Escritos Metapsicológicos e Clínicos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009. (Coleção Clínica Psicanalítica/dirigida por Flávio Carvalho Ferraz).

Trachtenberg, A. R. et. al. Por que René Kaës. *Psicanálise*. V. 13 n. 1 p. 257-270, 2011.

Thorstensen, Sonia. *Incestualidade: um páthos familiar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. (Coleção Clínica Psicanalítica/Dirigida por Flávio Carvalho Ferraz).

Tomaz, Ana. *O Abuso Incestuoso Entre Irmãos e Disfuncionalidade Familiar*. Dissertação de Mestrado em Psicocriminologia. ISPA Instituto Universitário Ciências Psicológicas Sociais e da Vida. Orientação: Maria Gouveia - Pereira. Portugal, 2013.

Watarai, Cristina Fukumori. *O contexto afetivo-familiar de relações incestuosas entre Irmãos*. 2009. 193 f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista, 2009.

\_\_\_\_\_. Indagações sobre o contexto afetivo em que incidem relações incestuosas entre irmãos. In: MATIOLLI, Olga Celiliato; ARAÚJO, Maria de Fátima; GUIMARÃES, José Luiz (Org.). *A violência nos contextos familiar e social*. Curitiba: Editora CRV, 2009.

Zimerman, David E. *Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica – uma abordagem didática*. Porto Alegre: Artmed, 1999.